

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

DAIANE ALMEIDA DOS SANTOS

**LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DOS ANOS INICIAIS: REPRESENTATIVIDADE EM
CONSTRUÇÃO**

PONTA GROSSA,

2022

DAIANE ALMEIDA DOS SANTOS

**LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DOS ANOS INICIAIS: REPRESENTATIVIDADE EM
CONSTRUÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia na
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Ciências
Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof. Dra. Geane Kantovitz

PONTA GROSSA

2022

Dedico este trabalho a minha família, pois ser a primeira mulher negra a entrar na universidade representa muito principalmente para minha mãe que me deu todo o suporte necessário. Sem ela não teria conseguido conquistar meus sonhos e objetivos. Sei o quanto lutamos juntas para que eu pudesse chegar até onde cheguei. Sem minha mãe nada seria possível, não há exemplo maior de dedicação. À minha querida mãe, que tanto admiro, eu dedico todos os meus esforços realizados durante todo percurso.

DAIANE ALMEIDA DOS SANTOS

LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA
DOS ANOS INICIAIS: REPRESENTATIVIDADE EM CONSTRUÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de graduação em
Pedagogia na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Ciências Humanas, Letras e
Artes

Ponta Grossa, 09 de fevereiro de 2023

Prof^ª. Dr^ª. Geane Kantovitz – Orientadora

Doutora em Educação

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª. Dr^ª. Lucimara Cristina de Paula

Doutora em Educação

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª. Dr^ª. Rosiney Aparecida Lopes do Vale

Doutora em Educação

Universidade Estadual de Ponta Grossa

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me dado o dom da vida, saúde e força para conquistar meus sonhos e alcançar meus objetivos, não somente nesses anos como universitária, mas em todos os momentos.

Minha orientadora Geane Kantovitz pelo suporte, incentivo e paciência. Agradeço por acreditar que seria possível realizar este trabalho, por me proporcionar todo o conhecimento ampliando minha visão de mundo com a manifestação de caráter, afetividade da educação neste processo de formação. A palavra mestre se torna pequena quando se trata de toda a dedicação que recebi. Meus eternos agradecimentos.

Aos meus familiares, minha mãe, Silmara Aparecida, heroína que me deu apoio, incentivo em todos os momentos, mesmo antes de iniciar o curso; meu pai Joel Pires que sempre esteve presente em todos os momentos desta caminhada e meu irmão Erielton que me deu suporte em cada etapa da minha vida.

As minhas amigas Luma Magalhães, Márcia Christine e Maria Eduarda Miranda que estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio que me foi dado em todos os momentos deste período universitário, agradeço as palavras de incentivo auxiliando nesta jornada.

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho e da conquista dos meus objetivos.

“O estudo é a única coisa que ninguém poderá tirar de você.”. (Palavras de minha querida mãe.).

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir da análise do Livro Didático (LD) de Língua Portuguesa do Primeiro Ano dos Anos Iniciais que as escolas municipais da rede de ensino da cidade de Ponta Grossa utilizam em suas escolas. O objetivo central foi compreender como as narrativas e/ou iconografias presentes neste material contribuem na construção da identidade racial na infância e no Letramento Racial Crítico (LRC). A representatividade começa na infância principalmente na escola que é o ambiente onde as crianças entram em contato com diversas culturas. Sentir-se representado, identificar personagens ou falas que fazem parte da construção de identidade não acaba com o racismo, mas empodera os negros para que entendam o seu pertencimento no mundo. O principal percurso teórico é a educação antirracista na perspectiva de Cavalleiro (2001) e o conceito de Letramento Racial Crítico, cunhado por Ferreira (2014; 2015; 2019). A educação antirracista, segundo Cavalleiro (2001). No cotidiano escolar, a educação antirracista visa à erradicação do preconceito, das discriminações raciais e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e ideias preconcebidas precisam ser duramente criticados e banidos. É um caminho que conduz à valorização da igualdade e equidade nas relações. O Letramento Racial Crítico, segundo Ferreira (2014; 2015; 2019) é refletir sobre raça e racismo possibilitando ver o nosso próprio entendimento de como esses conceitos são tratados no nosso cotidiano, e o quanto têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, inclusive no ambiente escolar. O percurso metodológico é a análise qualitativa da iconografia apresentada no Livro Didático de Língua Portuguesa do Primeiro Ano dos Anos Iniciais. A abordagem qualitativa permite compreender e identificar problemas com possíveis soluções, neste caso, problematizar abordagens estereotipadas em relação à presença negra nos livros didáticos para que dentro do ambiente escolar haja mais visibilidade para a cultura negra, propondo a intensificação da luta contra o racismo. Como resultado, percebe-se que a estrutura educacional, em sua totalidade, não permite uma representatividade efetiva de pessoas negras no livro didático. Muitas narrativas e iconografias são ainda representadas por pessoas brancas e não visa a luta e conquista que vêm sendo construídas diariamente por parte da população negra e educação antirracista. Portanto o Letramento Racial Crítico, muito embora seja uma forma dos negros se representarem de forma positiva e natural ainda não é abordada no Livro Didático em questão. É fundamental que haja histórias distintas que representam todas as culturas e não apenas uma única que leve a pensar que apenas os brancos podem ser privilegiados e terem seus finais felizes. O uso da linguagem nos livros didáticos reflete na vida cotidiana, sendo um fator responsável no desenvolvimento da comunicação/socialização e na construção de identidades.

Palavras Chaves: Educação antirracista; Letramento racial crítico; Livro didático; Literatura infantil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNLD	Conselho Nacional do Livro Didático
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EF	Ensino Fundamental
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INL	Instituto Nacional do Livro
LR	Letramento Racial
LD	Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LI	Literatura Infantil
LRC	Letramento Racial Crítico
NRE	Núcleo Regional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
SEED	Secretaria de Estado da Educação e do Esporte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO	14
1.1 A LEI 10.639/2003 E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	15
1.1.2 A Educação Antirracista como proposta decolonizadora: desconstruindo mitos e estereótipos	20
1.1.3 Letramento e Letramento Racial Crítico nos Anos Iniciais	23
2 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 1º ANO DAS SÉRIES INICIAIS E OS DESAFIOS PARA UM LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO	26
2.1 O Livro Didático e o Letramento Racial Crítico	27
2.2 O LIVRO DIDÁTICO DO PRIMEIRO ANO DOS ANOS INICIAIS	29
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

“Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro, do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles.” (GONZALEZ, 1982, p.3)

Inspirada nas palavras de Lélia Gonzalez (1982) me coloco nesse trabalho como mulher preta que, por muitas vezes, teve a sua representatividade negligenciada nos livros didáticos e nas literaturas infantis. Assim, no encontro uníssono entre uma mulher preta e uma acadêmica do curso de Pedagogia, que visa uma mudança de paradigma na sociedade por meio da educação antirracista, apresento esse trabalho realizado a partir da análise do LD de Língua Portuguesa do Primeiro Ano do Ensino Fundamental Inicial utilizado pelos alunos matriculados na Rede Municipal do Município de Ponta Grossa (PR).

O objetivo central foi analisar como as iconografias, veiculadas no livro didático supracitado, contribui na construção de uma educação antirracista por meio do LRC. Atrelado ao objetivo central, analiso como a Lei 10.639/2003 é abordada no LD, destacando a importância da educação étnico-racial na construção de uma sociedade antirracista, rompendo assim, com o silenciamento da presença e representação negra nos LD. Afinal, compreender como o LRC pode ser inserido nas abordagens cotidianas do saber escolar no processo de letramento da criança pode contribuir na construção identitária e no empoderamento negro e negra.

No diálogo com Cavalleiro (2005), justifico minha escolha pelo tema quando a autora cita:

Na educação brasileira, a ausência de uma reflexão sobre as relações raciais no planejamento escolar tem impedido a promoção de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os agentes sociais que integram o cotidiano da escola. O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação racial nas diversas instituições educacionais contribui para que as diferenças de fenótipo Ensino antirracista na Educação Básica: da formação de professores às práticas escolares entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais. Mais do que isso, reproduzem ou constroem os negros como sinônimos de seres inferiores. O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano não só impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos seres realmente livres “para ser o que for e ser tudo” – livres dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas, entre outros males (CAVALLEIRO, 2005, p. 11-12)

Nessa direção, como acadêmica e mulher preta, vejo que há necessidade de analisar e observar como os materiais didáticos vêm sendo trabalhados em sala de aula, pois o LRC está em todos os ambientes da nossa sociedade, nos livros, em jornais, novelas, filmes e textos, dentro e fora da sala de aula.

Quando observamos de forma criteriosa percebemos que o racismo está sendo silenciado e em vários momentos é mascarado com piadas e “brincadeiras” que na verdade são formas de preconceito velado. Como consequência, construímos algo rotineiro, naturalizando uma perspectiva errônea de que isso é normal e que nossa sociedade não é racista e/ou preconceituosa. No Brasil, tendo a maioria da população negra, ainda ocupamos cargos que desvalorizam todo o trabalho e luta que tivemos ao longo dos anos contra todo e qualquer causa injusta com o povo preto.

Justifico ainda por considerar a importância de se abordar a Lei 10.639/2003 durante todo o processo de ensino e aprendizagem da criança, ação pedagógica que ainda apresenta muitas lacunas no cotidiano escolar, como pude observar em Estágios Curriculares e no Estágio não obrigatório. Ainda é comum presenciarmos situações de racismo e preconceito na escola, assim como, uma negação da sua própria identidade negra como mecanismo de defesa e de não pertencimento da criança em nossa sociedade, caracterizada pela imposição de uma cultura branca e de igualdade racial. É importante destacar que muitos educandos não compreendem ou não possuem auto reconhecimento racial. Ainda há um silenciamento nos materiais didáticos e de apoio escolar, os quais poderiam auxiliar neste processo de descoberta do “quem eu sou?”, como a BNCC aborda nos Anos Iniciais. Acrescento ainda a necessidade de compreender que desde a educação infantil é importante apresentar os direitos humanos que devem ser trabalhados no processo de ensino e de aprendizagem. Assim é possível construir a identidade pessoal, social e cultural, desenvolvendo uma imagem positiva de si e dos outros que estão ao seu redor através das experiências proporcionadas no meio escolar, familiar e da comunidade que está inserido.

O percurso teórico e metodológico utilizado para a construção desta proposta de pesquisa está inserida na educação antirracista e na concepção de LRC.

Assim, ao me apropriar de um referencial teórico concordo com as falas que Vieira (2022) ao afirmar que o racismo é um fenômeno pelo qual sem o capitalismo não teria sustento, pois com a desigualdade social aqueles que são privilegiados na sociedade sobressaem frente aos que não detém deste favorecimento. Diante desta afirmação destaco que:

Em uma sociedade conservadora e racista como a brasileira, que por um lado promove uma guerra racial contra negras(os), indígenas e pessoas empobrecidas e por outro garante privilégios simbólicos, materiais, jurídico institucionais e imaginários para as pessoas brancas, quais significados e práticas podem adquirir a luta antirracista? (VIEIRA, 2022 p.54)

Os debates antirracistas vêm emergindo e intensificando os questionamentos sobre a forma que as pessoas brancas podem (e devem) estar atuando na luta contra ações e pensamentos racistas. Com isso, trago que a prática do racismo tem parte hierárquica, ou seja, a sociedade foi trazendo ações preconceituosas desde antes da escravização dos negros no Brasil. Sendo assim, aqueles que não são brancos acabam por não ter as mesmas oportunidades tais como: inserção no mercado de trabalho de modo a ocupar um cargo com grande valor de remuneração, moradia digna (saneamento básico) entre outros impedimentos de participação ativa na sociedade.

A representatividade começa na infância principalmente na escola que é o ambiente onde as crianças entram em contato com diversas culturas. Sentir-se representado, identificar personagens ou falas que fazem parte da construção de identidade não acaba com o racismo de uma vez por todas, mas empodera os negros para que entendam o seu pertencimento no mundo.

É fundamental que haja histórias distintas que representam a todas as culturas e não apenas uma única que leve a crer que apenas os brancos podem ser privilegiados e terem seus finais felizes. O uso da linguagem nos LD reflete na vida cotidiana, sendo um fator responsável no desenvolvimento da comunicação/socialização e na construção de identidades.

Uma educação antirracista refere-se a estratégias pedagógicas e organizações do currículo tendo por objetivo promover a igualdade racial eliminando formas de discriminação e opressão. A estrutura educacional, em sua totalidade não permite uma avaliação de como as pessoas negras são tratadas no Brasil, mas, nesta pesquisa, busca-se analisar como as iconografias têm sido iniciativas para conscientizar e construir a identidade dos alunos negros.

Muitas narrativas são escritas ainda por pessoas brancas, descrevem a história de formação social brasileira com a perspectiva colonial, não visando as lutas e conquistas que vêm sendo construídas diariamente. Portanto o letramento racial crítico é uma forma dos negros associarem de forma positiva e natural não tendo medo de se afirmar preto/negro.

Justifico a escolha do LD de Língua Portuguesa do Primeiro Ano das Séries Iniciais por considerar que os educandos estão passando pela transição da pré-escola aos anos iniciais do Ensino Fundamental I, assim como, eles também estão ampliando seu conhecimento de mundo (o que ocorre crescentemente em todas as etapas de ensino). Diante disso, o professor deve levar ao aluno discussões que não estão explícitas nos materiais didáticos e que podem

construir um pensamento crítico e reflexivo das práticas individuais e coletivas relacionando assim, o conhecimento dito erudito com os desafios sociais e culturais do cotidiano.

Diante da possibilidade de aprofundar o tema, visando compreendermos aos poucos nosso lugar no mundo, o processo de descoberta racial ainda é algo que em muitas famílias e escolas não é construído. Portanto, analisar como o LD pode ser um veículo mediador do conhecimento faz-me buscar entendimento sobre a forma de realizar uma proposta enriquecedora, a fim de situar cada educando na sua origem histórico cultural.

O método utilizado está ligado à forma de síntese interpretativa, baseia-se na forma como está disponibilizado o conteúdo no LD, informações e ideias do que se quer passar através da iconografia, sendo assim, a análise considera não apenas os aspectos formais, mas também aborda um diálogo entre o que está sendo apresentado e a cultura africana e afro-brasileira.

A teoria semiótica é utilizada para que haja a leitura para além do que os olhos possam observar, ampliando com criticidade a visão sobre distintos temas e em específico o Letramento Racial Crítico, quando lemos nas "entrelinhas" o que as imagens estão nos dizendo, acabamos por compreender a importância delas para uma formação antirracista.

Nessa linha de pensamento, o trabalho é dividido em duas partes. No Capítulo 1, intitulado Educação Antirracista e Letramento Racial Crítico, abordo o que é o Letramento Racial Crítico e as Leis que asseguram uma educação antirracista nas escolas. Também apresento a perspectiva de uma educação baseada na desconstrução de mitos e padrões que foram estabelecidos pelo eurocentrismo e branqueamento. Ao citar o letramento e LRC nos anos iniciais trago a importância que é trabalhar com as crianças em sala de aula esta (re)construção de identidade e (re)conhecimento cultural.

No Capítulo 2, intitulado O Livro Didático de Língua Portuguesa no 1º Ano das Séries Iniciais e os Desafios para um Letramento Racial Crítico, trago a definição e importância deste material, tanto para professores como para os alunos, sendo este o material didático mais utilizado em sala de aula. Abordo sobre o LD e o LRC, buscando identificar a presença de uma perspectiva teórica do LRC. Em seguida discorro sobre as análises de algumas iconografias que o LD apresenta ao longo de suas páginas.

1 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

A Educação Antirracista vem sendo significativamente discutida no âmbito educacional, principalmente no que concerne às políticas públicas e nas práticas do cotidiano. Todavia, não é tarefa fácil quando se trata de trazer para o cenário a problematização de práticas sociais e educacionais que ainda são perpetuadas pela sociedade e também pela escola, como o racismo. Se por um lado, debate-se a questão com criticidade e compromisso social, principalmente no espaço acadêmico e nos movimentos sociais, por outro ainda caminhamos lentamente contra os mitos consagrados pela história do Brasil, como o Mito da Democracia Racial.¹ Ou seja, ainda há uma dificuldade em ultrapassar essas discussões do campo educacional acadêmico para o cotidiano da escola.

Portanto, pensar numa Educação Antirracista, é também pensar em formas de enfrentamento ao pensamento cristalizado e naturalizado acerca da negação do racismo ou de sua reprodução de forma estrutural e institucional. É promover ações que estão além do currículo prescrito, é conhecer a legislação e ter ações afirmativas no planejamento das ações escolares e extraescolares. É preciso compreender que a construção de uma Educação Antirracista faz parte do compromisso social da educação e da escola.

Nessa direção, compactuo com Cavalleiro (2001) ao apontar oito ações de uma educação verdadeiramente antirracista:

1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas.

¹ O termo Democracia Racial surge a partir da análise da obra *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre (2001) à qual diz respeito a maior brandura da nossa escravidão e a interlocução entre desiguais, funcionando como uma zona de aproximação e harmonia entre senhores e escravos construindo uma ideia de democracia entre as raças. De acordo com Freyre (2001), essa harmonia serviria para “desarmar uma bomba étnica” ao tranquilizar conflitos entre brancos e negros, isto acabaria por cegar o povo negro com a falsa ideia de que faziam parte da comunidade, enquanto os privilégios que discrimina o preto se mantivera. O autor diz respeito a uma perspectiva errônea, falsa, de igualdade entre as diferentes raças, sendo algo distante de ser alcançado na atualidade. A democracia racial seria um dos pilares fundamentais da cultura e da democracia, porém na realidade estamos longe de viver o que seria ideal. A democracia se trata da liberdade de ações de forma igualitária, sendo direitos e oportunidades similares. A Constituição de 1988 traz as palavras de que todos são iguais perante a Lei, não havendo distinção dando garantia a brasileiros e/ou estrangeiros que residem no país. A democracia racial deve ter a igualdade como principal característica, não havendo distinção em quesitos como a renda, acesso a escola e o conhecimento, assim como ao emprego e à propriedade, quando um país dispõe de imparcialidade entre negros e brancos nestes quesitos, não se afirma que há uma verdadeira democracia racial. A palavra Mito apresenta a ideia de algo surreal que não traz uma verdade imediata. A junção entre Mito e Democracia Racial tem-se o termo Mito da Democracia Racial que, segundo, Florestan Fernandes “funda uma consciência falsa da realidade, a partir da qual “acredita-se” que o negro não tem problemas no Brasil, já que não existem distinções raciais entre nós, e as oportunidades são iguais para todos” FERNANDES, 1980, apud OLIVEIRA, 2015, p.110).

4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os alunos/as.
5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do 'eurocentrismo' dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de 'assuntos negros.
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados (CAVALLEIRO, 2001, p. 158).

Portanto, é com base nessas ações descritas pela autora que este trabalho compreende a Educação Antirracista, tanto no aspecto das práticas do cotidiano escolar, como no âmbito das políticas públicas no Brasil, como a Lei 10.639/2003.

1.1 A LEI 10.639/2003 E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A educação vai além da troca de conhecimento e da mediação das disciplinas curriculares. Considerando sua importância para a formação como cidadão, promove a transformação do meio social em bem comum que prioriza a convivência harmônica e humana em todas as suas esferas. O ser humano não nasce pronto é preciso auxílio para que seu desenvolvimento ocorra e é por meio da socialização em diferentes instituições societárias que adquirem a experiência e os saberes. Nessa direção, as escolas vêm se adaptando diante das necessidades e da realidade que cada comunidade possui.

Com todas as transformações que a sociedade vem passando a educação é um dos meios mais importantes para o aprendizado das vivências e convivências, assim, a Educação Antirracista se torna indispensável, principalmente nos anos iniciais e Educação Infantil, pois é quando ocorrem as primeiras formações sobre a construção das identidades, pois as crianças começam a perceber o seu lugar no mundo.

Portanto, para que essa educação seja efetivada é fundamental a construção do letramento racial, ou ainda, do Letramento Racial Crítico (LRC). Trago a definição de LRC fundamentada em Ferreira (2015) ao afirmar que é uma reflexão sobre raça, racismo e que nos possibilita entender como esses fatores são tratados no nosso cotidiano e o tamanho do impacto que causam nas nossas identidades sociais, no trabalho, nas instituições de ensino ou mesmo na família. Sendo assim, é importante tratar da educação para as questões étnico-raciais como ações diretas de reconhecimento da cultura e história afro-brasileira e africana.

A discussão sobre o avanço educacional sem colocar ênfase na autoestima das crianças negras é deixar que o racismo se perpetue no sistema de educação de forma direta ou

indireta, pois afeta todo o processo de ensino e de aprendizagem do aluno. Quando o modelo trazido pela escola é negativo não há como trabalhar de forma com que o educando entenda seu pertencimento no mundo, quando o professor em sala de aula se “nega” a abrir o LD da história negra vista por outro ângulo, sem que seja a dos escravos, trazendo os reis e rainhas, revoltas e revoluções que os negros lutaram para ter seus direitos isso acaba por inibir, diminuir e menosprezando todo o valor cultural ao qual o povo negro passou.

Inicialmente, para situar-se como vem sendo desenvolvido o trabalho étnico-racial na área da educação é preciso trazer para o cenário a importância da Lei 10.639/2003 e seu contexto de produção. Ela entrou em vigor no ano de 2003 alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. É importante destacar que a lei não nasce no âmago das universidades ou grupos de pesquisas consolidados, mas sim, foi construída graças a lutas de movimentos sociais, principalmente o Movimento Negro.

A 10.639/2003 cria a obrigatoriedade de inserir nos currículos e materiais didáticos a luta dos negros no Brasil e na África, a formação da sociedade e a cultura negra, trazendo para o cenário sua contribuição nas diferentes esferas da sociedade brasileira: social, econômica, política e cultural. Através de diálogo com a sociedade civil foi construído um panorama histórico sobre as condições da criança negra na educação ao longo da história. O texto da Lei trata de questões que o Movimento Negro entende como necessárias para políticas de reparação, como por exemplo, a urgente desconstrução do Mito da Democracia Racial.

Essa política pública é marcada pela luta contra o preconceito racial no Brasil, sendo que os livros didáticos devem ser adaptados com a sua proposta. Nesse cenário, além da Lei 10.639/2003 outras políticas públicas e decretos também devem ser apontados como mecanismos de oferecer uma educação antirracista nas escolas, seja por meio do currículo ou por temas transversais extracurriculares.

Em 10 de março de 2004 foi apresentado o Parecer CNE/CP nº 3/2004 instituindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Tal Parecer tem como finalidade aprofundar o tema estabelecendo orientações às instituições de ensino, pois há necessidade de políticas reparatórias, até mesmo o texto possui muitos equívocos no momento da abordagem da questão racial e direciona os professores quanto ao tratamento adequado ao tema.

Assim, no mesmo ano foram iniciadas outras discussões na área das políticas públicas afirmativas. A Resolução nº1 de 17 de junho de 2004, que Institui Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, tem por objetivo divulgar e produzir conhecimento, assim como as atitudes, posturas e os valores agregados que ensinem aos cidadãos a pluralidade étnico-racial, capacitando-os para a interação, garantindo a todos o respeito aos direitos e a valorização de identidade. Ainda ressalto que esta disposição legal institui os estudos étnico-raciais tanto na educação básica quanto no ensino superior, portanto, em todos os níveis e também modalidades de ensino em forma de disciplinas específicas ou de conteúdos transversais que devem ser trabalhados de forma que ultrapasse o isolamento do tema em História, Língua Portuguesa e Artes.

Em 2008, como a lei que complementa a Lei 10.639/2003, foi homologada a Lei 11.639. Esta referida lei abrange aos povos indígenas reconhecendo e valorizando todos os aspectos que herdamos em nossa cultura local contribuindo para a igualdade étnico-racial. O objetivo é a conscientização real da democratização da educação que por séculos discriminou, desmoralizou e alienou toda a cultura originalmente brasileira. Tradicionalmente, a educação remeteu-se a negros e indígenas como escravos passivos, trazendo uma singularidade histórica tendenciada a racializar imigrantes que não façam parte de alto prestígio como era visto pelo eurocentrismo, empobrecendo e omitindo a realidade da nossa sociedade.

No âmbito regional e municipal, pode-se citar a Deliberação 04/2006 do Conselho Estadual do Paraná. Tal deliberação apresenta que o Projeto Político Pedagógico (PPP) das instituições deve garantir uma organização de forma a contemplar obrigatoriamente no decorrer do ano letivo, a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, proporcionando aos alunos uma educação compatível com uma sociedade multicultural e pluriétnica. Também traz que, quando abordado a história do negro e do índio, as abordagens devem ser positivas, não mostrando apenas o lado eurocêntrico, mas ampliando e dando ênfase nas lutas e conquistas desses povos.

Outro destaque no âmbito estadual é a Resolução nº3399/2010-GS/SEED que aborda fatores relacionados às Equipes Multidisciplinares dos (NREs) Núcleo Regional de Educação, onde a composição mínima é de quatro integrantes, sendo 1(um) do Núcleo de Educação das Relações Étnico- Raciais e Afrodescendência sendo este o coordenador da equipe, 1(um) profissional de História e Cultura Indígena, 1(um) da Equipe Disciplinar e por fim 1(um) dos Movimentos Sociais ligados às temáticas envolvendo a população negra e indígena.

No município de Ponta Grossa (PR) as Diretrizes Curriculares também mencionam aspectos da educação étnico-racial, como promover junto às instituições educacionais à inclusão e o respeito às diversidades de toda ordem: gênero, étnico-racial, religião, entre outros, também nos apresenta que sejam contemplados nos currículos da Educação Básica conteúdos

sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena conforme as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e implementa políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito de gênero, orientação sexual, étnico-racial ou quaisquer formas discriminatórias.

Por fim, trago para a discussão a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). De acordo com a lei todas as crianças e adolescentes têm seus direitos garantidos e não devem ser discriminados, menosprezados ou desvalorizados, o ECA aborda que a educação das relações étnico raciais tem o objetivo de divulgar e produzir conhecimento assim como as atitudes e valores que permeiam uma sociedade pacífica e abrangente de boas vivências.

O foco não é mudar o conteúdo que sempre teve como destaque etnocêntrico uma raiz europeia por um africano, mas ampliar o currículo escolar para a diversidade cultural, racial, social e econômica presente na sociedade brasileira. Assim as Diretrizes apresentam e apontam todo o embasamento teórico e prático que auxiliam os educadores para a execução de uma educação com mais equidade.

A história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil sempre foi lembrada nas aulas de História com o tema da escravização do povo negro, contudo entende-se que a forma como foi ensinada por muitos anos não auxiliou na compreensão e construção de identidade dos alunos em sala de aula. Começando pelo substantivo/adjetivo escravo, quando se é referido em sala de aula ao escravo africano, nos equivocamos, pois as pessoas foram e são escravizadas submetendo-se a trabalhos análogo e este termo. Além de naturalizar essa condição às pessoas trazendo a ideia de que ser escravo é uma condição inerente aos seres humanos, também traz um significado preconceituoso e pejorativo, que foi se construindo durante a história da humanidade.

Portanto, quando os professores ressaltarem em sala de aula a história, a cultura afro-brasileira e africana tem-se a importância de refletir sobre o que atribuirão ao longo do tempo aos povos negros como constituinte e formadora da sociedade brasileira, valorizando o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

Nessa direção, a escola é um dos principais espaços para se pensar, orientar e aprender sobre a diversidade e convivência harmônica, respeitosa com as diferenças. O espaço escolar propicia um campo diverso para o desenvolvimento das políticas públicas em contexto.

Assim, há necessidade de que nos planos educacionais efetive a lei no espaço escolar, envolvendo gestores e professores, visto que é fundamental que as populações negras reconheçam na cultura brasileira de forma valorizada e não de exclusão, como aconteceu durante séculos.

É importante que todos os grupos étnicos se sintam representados assim como brancos são representados e tem grande visibilidade. A construção de identidade acontece através de muitas formas as relações intrapessoais, ou seja, a capacidade de entender a si mesmo e suas características auxiliam neste processo. Sendo assim, ver que as personagens e/ou outras pessoas são semelhantes e que tem um grande papel, por exemplo, em um filme, faz com que a criança em especial, possa se identificar com o que está sendo visto. Corroboro com Machado (2017) ao afirmar que:

Os grupos étnicos presentes na população brasileira precisam se ver positivamente representados no material didático empregado na educação de todos os cidadãos, independentemente de seu pertencimento étnico-racial, sejam eles originários do continente africano, nativos, ou de ascendência asiática, e não apenas os de descendência europeia, se quisermos construir uma nação verdadeiramente democrática e antirracista. (MACHADO 2017, p. 09).

Salientando que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é parte da constituição da história da educação do Brasil, entende-se que as leis não são facultativas e sim uma obrigação em toda e qualquer escola brasileira contribuindo para a representatividade e a valorização dos negros em nossa sociedade, construindo uma escola que abre caminhos e espaço democrático, acolhedor à diversidade e espaços socioeducativos, assim como aponta a LDB:

[...] incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (LDB 9.394/96).

Sabe-se que apenas a promulgação de uma lei não é garantia de que ela seja efetivamente aplicada, pois o levantamento de dúvidas, sobretudo dos profissionais da Educação, que se sentiam despreparados para ensinar um conteúdo ao qual não haviam tido acesso em suas formações. A Lei 10.639/2003 venceu alguns dos obstáculos e foi implantada na escola, a iniciativa de grupos individuais de professores interessados no tema auxilia na efetivação da abordagem dos estudos acerca da história e cultura afro-brasileira e africana. Portanto, os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil, além da efetivação da Lei.

1.1.2 A Educação Antirracista como proposta decolonizadora: desconstruindo mitos e estereótipos

O conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutido em nossos costumes que acabam por promover de forma direta ou indireta o racismo/preconceito com o outro ainda é uma realidade do presente. As falas e hábitos pejorativos incorporados ao nosso cotidiano tendem a reforçar essa forma de racismo. Acontece muito quando fazemos piadas que associam negros e indígenas a situações vexatórias ou quando desconfiamos da índole de alguém por sua cor de pele. Um branco pode circular livremente em um mercado ou shopping enquanto uma pessoa negra é observada o tempo todo que se está no local.

Com essas afirmações trago para o diálogo as implicações do racismo estrutural na sociedade brasileira. O racismo, Segundo Almeida (2019, p. 20) “é sempre estrutural, ou seja, [...] ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. [...] é a manifestação normal de uma sociedade, e não é um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade”. De acordo com o autor, as instituições somente são racistas, porque a sociedade também é. As estruturas que solidificam a ordem estrutural validam a autopreservação entre brancos, bem como a manutenção de privilégios, pois constroem condições para a prosperidade de apenas um grupo, o branco. Como resultado, as instituições externam violentamente o racismo de forma cotidiana, como por exemplo, nas escolas.

Nessa linha de apreciação, o racismo estrutural é um conjunto de práticas, ações, hábitos, falas e situações que estão presentes na sociedade que mesmo sem a intencionalidade promove o preconceito racial. Combater o racismo estrutural é percorrer um longo caminho, um processo lento pelo qual escolas, comunidades e demais cidadãos precisam renovar sua postura enquanto sociedade, pois está enraizado principalmente em termos pejorativos como: “a coisa tá preta” (referindo-se a algo ruim), “inveja branca” (tentando minimizar o impacto do termo inveja), “serviço de preto” (algo mal feito). Muitas vezes não percebemos e entendemos como algo normal, quando na verdade isso diz muito sobre toda a nossa história e cultura afro-brasileira e africana.

Ainda na esteira de Almeida (2019), o racismo estrutural constitui as relações sociais de forma a analisar como a sociedade se porta frente às opiniões que são opostas às que determinado grupo acredita ser o “correto”. Assim, as normas estabelecidas reproduzem condições de desigualdade colocando o negro, principalmente a mulher negra, no “final da pirâmide social”, distante da maioria dos seus direitos. Juntando economia, política e racismo

podemos perceber como isto se torna um elemento de exploração na sociedade. Diante dessa afirmação destaco que:

Em uma sociedade conservadora e racista como a brasileira, que por um lado promove uma guerra racial contra negras(os), indígenas e pessoas empobrecidas e por outro garante privilégios simbólicos, materiais, jurídico institucionais e imaginários para as pessoas brancas, quais significados e práticas podem adquirir a luta antirracista? (VIEIRA, 2022 p.54).

Destarte, para compreender o ensino brasileiro, deve-se levar em consideração as relações étnico-raciais que formaram essa nação. A construção capitalista desenvolvida neste território deve ser pontuada na escravidão tendo início com as populações indígenas já habitantes destas terras que posteriormente vieram a ser povoadas por europeus e negros, gerando concepções e práticas racista que duram até nossa atualidade por meio de uma historicidade eurocêntrica. Sendo assim, entendo que os estudos em sala de aula vão além dos saberes escolares. Em outras palavras, é preciso abordar o negro em sua totalidade, seu pertencimento étnico, suas condições socioeconômicas e sua cultura no geral.

A matriz cultural brasileira recebeu grande força europeia como dominante, o intuito era silenciar as matrizes indígenas e africanas gerando insegurança medo e deixando reprimida toda a nação presente em contexto. Foi construído um paradigma educacional que acaba consolidando a formação educacional brasileira numa comunidade multirracial e pluriétnica. No Brasil, observa-se que há uma apropriação de conceitos que foram impregnados na memória coletiva e que acabaram por calar/aquietar a busca de sua identidade e de uma determinada etnia.

O preconceito racial está interligado com o modo de ser e pensar de cada pessoa, manifesta-se nas relações interpessoais, na aceitação dos padrões comportamentais da sociedade em específico brasileira, assim, torna-se mais fácil para o não branco “aceitar” as expressões como “pardo”, “moreno” e “preto”, mas isso só demonstra como acontece a imposição do branco e do preconceito racial no Brasil, utilizando cortinas para esconder a verdadeira identidade brasileira.

Nas escolas, muitas vezes, os alunos chegam acudados, não aceitam seu cabelo, sua cor, seus traços afrodescendentes. O trabalho a ser realizado com estes alunos não é fácil, pois demanda de um processo contínuo e em conjunto com a família e a comunidade escolar, é importante dar visibilidade a sua etnia colaborando com a construção de sua identidade e compreensão sobre sua história em sociedade e o quanto os trabalhos de séculos passados são resplandecentes na atualidade.

Nessa linha de pensamento, é preciso decolonizar a escola e as propostas curriculares. É preciso um olhar decolonial para desconstruir mitos enraizados por meio do currículo e escrita dos LD. Observa-se que o currículo é “racializado” (trata-se do processo de atribuir identidade racial a uma prática ou grupo social que ainda não se identifica como tal). Portanto,

Nas escolas pobres que atendem crianças não brancas a qualidade da propriedade intelectual é inferior à das crianças brancas de escolas de classe média. O financiamento é diferente. A própria infraestrutura oferecida às crianças das comunidades empobrecidas está em condições precárias. A metodologia é diferente. (GANDIN et al, 2002, p. 277).

O currículo é um instrumento de poder e constituinte da construção e reconstrução de identidades. A escola é um local privilegiado na construção de uma cultura escolar que é capaz de emancipar, libertar e construir uma narrativa crítica acerca das relações sociais que se estabeleceram, e se estabelecem, na construção histórica, social e cultural do nosso país. A escola é um dos suportes da colonialidade do poder e do saber, principalmente porque opera de maneira estratégica através da dominação epistêmica sobre o conhecimento. É preciso romper com essa mentalidade de superioridade do poder e do saber branco, patriarcal e europeu. É preciso problematizar e inserir nas discussões em sala de aula a imposição do conhecimento ocidental/branco como o único e válido.

A perspectiva decolonial nos leva a isso e desafia a escola em defesa da interculturalidade crítica, que permite a troca de conhecimentos de maneira crítica e respeitosa entre diferentes povos e saberes. É por meio da escola e de um olhar decolonial que se apontam possibilidades de se construir e compreender as questões afro-brasileiras sob a lente da desconstrução de mitos.

Nessa direção, aponto brevemente duas premissas que podem ser desenvolvidas na escola por meio da perspectiva decolonial. Em primeiro lugar, uma perspectiva decolonial das questões étnico-raciais e afro-brasileiras, deve fazer o eterno movimento de historicizar as diferenças e as relações sociais, apresentadas também como relações de poder. Retirar grupos sociais do silenciamento e apresentá-los como seres políticos, do espaço público, intelectuais, agentes da História deve ser uma prática cotidiana do professor e dos materiais didáticos.

Em segundo lugar, supõem-se aqui decolonizar as epistemologias e os processos de trabalho pedagógico: incluir, revitalizar e revalorizar os saberes ligados aos grupos subalternizados, não separar sujeito e objeto, razão e afeto; não negar as ligações pessoais de estímulo ao conhecimento e a intuição; mergulhar no pensamento múltiplo, na arte e na estética negra.

Quando encorajamos um aluno a buscar o conhecimento sobre sua origem é importante ressaltar que as lutas em busca dos seus direitos devem ser contínuas, pois é assim que a história deve ser reconstruída. Colocar o educando como protagonista de sua vida é um papel muito importante destinado ao educador, principalmente nos anos iniciais na escola onde o aluno ainda está descobrindo o seu mundo, entendendo o seu pertencimento na sociedade.

Por fim, ao assumir uma maneira de trabalhar ações críticas e decoloniais o LRC é um dos caminhos mais profícuos para se efetivar novas abordagens em sala de aula, rompendo com a mentalidade cristalizada do branqueamento racial.

1.1.3 Letramento e Letramento Racial Crítico nos Anos Iniciais

Alfabetizar e letrar são práticas que precisam ser desenvolvidas em conjunto, fazem parte de um processo contínuo conforme a criança se desenvolve, estimular a oralidade desde cedo impulsiona o processo, pelo fato de que a oralidade é uma produção cultural que se dá através da interação social. À medida que as crianças crescem, começam a perceber tudo o que está ao seu redor e que possuem significado, tem início o processo de leitura de mundo e começam a interpretar e conhecer o meio em que estão inseridas.

Mesmo antes da criança começar a ler e escrever ela já tem sua visão de mundo, já possui saberes que são ensinados em seu ambiente de convivência cotidiana. Quando chegam à escola se aprimoram desses conhecimentos ampliando o repertório da sua visão de mundo levando a compreensão do espaço, coisas, objetos que também ajudam nas tarefas diárias. Leitura e escrita fazem parte da linguagem tanto no cotidiano das crianças como na dos adultos, por isso é essencial para a socialização.

O letramento vai além da apropriação da escrita e da leitura, diz respeito ao uso social desta forma de se comunicar é um estado, uma condição daquele que interage com outros que se envolve em diversas maneiras nas práticas sociais de leitura e escrita. Segundo Soares (1998), a palavra letramento é condição de ser letrado e que há uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever. Para a autora:

Etimologicamente, a palavra literacy vem do latim litera (letra), com sufixo -cy, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser [...] ou seja: literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 1998, p. 17).

Sendo assim o conceito de letramento é tornar-se letrado, ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, no entanto se apropriar da escrita é diferente de aprender a ler e escrever, pois aprender nesse caso quer dizer adquirir uma forma de tecnologia e apropriar é o ato de tornar próprio, assumi-la como propriedade.

Incorporar essa palavra no meio educacional significa que os problemas vão além de ensinar a ler e escrever, mas também a levar o uso da leitura e escrita de forma a considerar a socialização através desse meio, transmitindo saberes que já se detém, adquirindo ou os ampliando. É importante que haja condições para o letramento como escolarização real e efetiva e que haja disponibilidade de material de leitura. Ou seja, o letramento é oportunizar também o acesso às bibliotecas, jornais, revistas e livrarias. Não deixar que apenas dentro da escola essas portas estejam abertas, mas para a comunidade também com a finalidade de ser prazeroso e um ato de lazer e busca de conhecimento (SOARES, 1998).

Nessa linha de raciocínio, o letramento, como prática de ensino, constrói uma intervenção social podendo dialogar com a perspectiva de LRC. Escolas que já trabalham com o letramento racial, são facilitadoras de ações futuras para que o preconceito possa ser visto cada vez mais como o grande mal da sociedade vindo a ser combatido cada dia mais por todas as culturas. Todavia, é preciso avançar.

A perspectiva aqui abordada sobre o LRC é de Ferreira (2014; 2015; 2019). Segundo a autora, é por meio do LRC que podemos aprender não só a se defender do racismo e preconceito, mas também ensinar à outras pessoas as várias terminologias que são corretas e que não causam desvalorização de diferentes culturas. Ferreira (2015) assim conceitua LRC:

Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racimo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais. [...]. Como formadora de professoras/es que sou, entender a importância de utilizar o letramento racial crítico na minha prática pedagógica é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade. (FERREIRA, 2015, p. 138).

O olhar do LRC abrange uma grande luta entre as práticas que tramitam contra a discriminação e o preconceito racial e a busca por uma sociedade mais igualitária, como também questiona a concentração de poder e práticas que desconstroem pensamentos e ações naturalizadas nas relações sociais.

Na mesma perspectiva, Souta e Jovino (2019) também defendem que:

Os professores, ao adotarem um objetivo crítico em suas aulas, colaboram no sentido de desenvolverem uma consciência própria como agentes sociais. É preciso que alunos e professores reflitam sobre suas experiências de vida, que entendam a relação

social entre raça, etnia e escola. Quando desafiamos os estereótipos, somos empoderados, transformando a cultura da escola. O letramento racial crítico pode ser uma possibilidade para a aplicação da Lei 10.639/03. (SOUTA; JOVINO, 2019, p. 154).

Portanto, em diálogo com as autoras, compreendo que trabalhar de forma interdisciplinar ligando o conhecimento experiencial, como cita Ferreira (2015), com as práticas reproduzidas pelo LD, o letramento racial terá sua função ampliada, valorizando a cultura afro-brasileira e africana, auxiliando na construção da identidade do educando.

O combate ao racismo demanda um posicionamento firme, ações entre brancos e negros que sejam contundentes como problematizar a estruturação da sociedade, qual é a ocupação em cargos de poderes entre cada um, refletir a importância e a causa de algumas ações (ex: lei de cotas), reconhecer que a história que é passada para as gerações partem do eurocentrismo é necessário referenciar a história diante da perspectiva de quem à construiu, analisando as lutas do negros e indígenas que construíram o Brasil.

Os desafios que o LRC encontra nos livros didático são distintos, sendo em textos, iconografias ou sugestões que serão analisadas ao longo do Capítulo 2. É necessário que reafirmemos a negritude, reivindicando as heranças africanas legitimando o espaço na sociedade.

2 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 1º ANO DAS SÉRIES INICIAIS E OS DESAFIOS PARA UM LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

O LD é o recurso mais utilizado por professores e alunos auxiliando em todos os momentos da vida escolar dos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.² Trata-se de um material pedagógico de longa data desempenhando um papel importante tanto no interior da sala de aula como fora (biblioteca ou mesmo em casa). Segundo Kantovitz (2015, p. 223), o livro didático “direciona os conhecimentos a serem ensinados em sala de aula” e seu uso “pode ser considerado um importante aliado na prática pedagógica ou, contraditoriamente, um reprodutor de conteúdos e transmissor de conhecimentos predeterminados e concebidos por determinados grupos da sociedade”.

Mesmo que a escola faça uso de vários outros materiais a serem utilizados em sala de aula como, mapas, quadros, enciclopédias, recursos tecnológicos entre outros, o LD é considerado um interlocutor, pois dialoga com o professor e com o aluno e de fato é um material indispensável para a mediação do conhecimento, influenciando diretamente no cotidiano dos educadores e dos estudantes. Nessa direção, há uma complexidade no LD e em suas dimensões educativas tanto dentro da escola, como para além dos muros escolares.

Os livros didáticos apresentam conteúdos que, antes de tudo, têm o papel de transmitir às novas gerações as habilidades e saberes que existem em diferentes campos de conhecimento curricular. São considerados fundamentais na cultura escolar sendo, ao mesmo tempo, um instrumento ideológico, pedagógico e socializador. No Brasil, ele está submetido aos programas curriculares estabelecidos pelo Estado e sua materialidade depende do poder educacional e das formas de comercialização e circulação.³

Dante (1996) destaca que o LD precisa apresentar um enfoque e equilíbrio dos temas para os diferentes níveis de ensino a que são destinados a um trabalho que seja realizado interdisciplinarmente, articulando todas as disciplinas que fazem parte da grade curricular.

² No Brasil o livro didático começa a ter as primeiras ideias no ano de 1929 quando foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL) que auxiliou na legitimação e produção do livro, no entanto apenas em 1934 o governo do presidente Vargas que o instituto passou a elaborar um dicionário nacional uma enciclopédia e aumentar então as bibliotecas públicas. Para o controle do conteúdo que faria parte dos livros que circulariam nas escolas o então ministro Gustavo Capanema em 1938 criou um decreto-lei que fiscalizaria esse material.

³ O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é um programa de distribuição dos livros didáticos para os estudantes da rede pública de ensino brasileira, destinado a avaliar e disponibilizar obras pedagógicas e literárias. O programa se ampliou dando a possibilidade de incluir materiais de apoio à prática educativa tais como: obras pedagógicas, software e jogos educativos, materiais de reforço, de formação, além dos destinados à gestão das instituições. São 80 anos deste programa que foi se aperfeiçoando ao longo do tempo, teve diferentes nomes e formas de execução. Todavia, foi em 1938, que foi estabelecida a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) estabelecendo as primeiras políticas de circulação e controle de produção desse material no país.

Assim, a escrita dos saberes curriculares ultrapassa sua dimensão curricular prescrita, podendo avançar em outras perspectivas. O autor também destaca que os temas, os textos, problemas, atividades e exercícios abordados no LD precisam ter significado para o aluno. Ou seja, precisam levar em conta o contexto social para o qual os alunos estão sendo preparados na escola e o seu estágio de desenvolvimento cognitivo (DANTE, 1996).

Na mesma direção, Ferreira (2019) aponta que:

O livro didático é um material importante para o/a professor/a, mas precisa que o/a professor/a queira utilizar tenha uma formação crítica para questionar o livro didático e outros materiais didáticos e propor sugestões para os mesmos. No que se refere ao livro didático, o que as pesquisas têm demonstrado é que os materiais são extremamente eurocêntricos, mesmo com a quantidade de pesquisas que vêm sendo feitas, mostrando o que as editoras poderiam fazer para que a representatividade de pessoas negras, indígenas, de classe social e de gênero fosse mais equitativa e igualitária. Como isso não ocorre, por questões ideológicas e de interesse das editoras a formação de professoras/es é de fundamental importância. (FERREIRA, 2019, p. 8).

Portanto, é por meio do livro didático que o processo de LRC pode ser discutido e ampliado nas escolas. Afinal, para o aluno em processo de ensino aprendizagem é importante que os saberes curriculares sejam significativos e atraentes e o conteúdo que ele está estudando ao longo do seu processo educacional deve servir para sua vida prática. Por isso é importante a busca por livros didáticos que resultam em diversas formas de atingir o objeto do conhecimento formal e informal.

2.1 O Livro Didático e o Letramento Racial Crítico

O professor deve analisar o conteúdo do LD que estará utilizando em suas aulas para que favoreça a todos que usufruem deste material. Com relação aos alunos é necessário privilegiar os conhecimentos sociais relevantes, principalmente ligados a realidade escolar. Conteúdos que contribuem para um desenvolvimento autônomo desenvolve capacidades de formação social e cultural, assim como de convivência e cidadania.

De acordo com Rangel (2005), há duas questões a serem destacadas quando se trata do LD. Em primeiro lugar, para direcionar o processo de ensino e de aprendizagem deve-se usá-lo de forma crítica, pois o conteúdo presente no material possui resultados diferentes da forma que cada um que o utiliza, portanto acaba-se por ter distintas visões. Ou seja, o professor precisa mediar o conhecimento de forma com que o educando reflita diante dos textos e imagens que estão presentes no LD.

O outro aspecto a ser destacado é a ilusão de completude e de autoridade do LD que muitas vezes os professores e alunos atribuem ao LD. Rangel (2005), chama atenção para o “perigo” de haver a exclusão de outros materiais didáticos e outras formas de organizar ou conceber o conhecimento, por isso a ideia de autoritarismo do livro pode romper com a ampliação do conhecimento ali presente.

É justamente o desenvolvimento de habilidades e competências envolvidas na leitura, na produção de textos escritos e no uso da linguagem oral, assim como na reflexão sobre a língua e a linguagem, que garantem o desenvolvimento da proficiência e do senso crítico. É no tratamento dado a essa função que podemos verificar em que medida a coleção trata a criança como aprendiz – ou seja, como um protagonista do processo de ensino-aprendizagem – ou como um destinatário passivo de conteúdo. (RANGEL, 2005).

Portanto, considerando essas assertivas, o LD é um importante instrumento de formação do LRC. Quando tratamos de LD, devemos observar os gêneros descrito em como os textos são abordados de forma com que o educando compreenda e encontre no seu cotidiano o que está sendo apresentado no livro, inclusive as mensagens que eles trazem por meio de sua construção textual ou pela iconografia.

Nessa direção, os pressupostos de Ferreira (2015) sobre o LRC serão os norteadores para a análise da escrita e iconografia do LD do 1º ano do EFI. São os seguintes princípios do LRC:

1. A intercentricidade de raça e racismo. [...].
2. O desafio à ideologia dominante. [...].
3. O compromisso com a justiça social. [...].
4. A perspectiva interdisciplinar. [...].
5. A centralidade do conhecimento experiencial. [...]. (MILNER E HOWARD, 2013, apud FERREIRA, 2015, p.243)

Ao analisar como o LD pode auxiliar no processo de descoberta de enfrentamento dos desafios para uma educação antirracista, nota-se que LRC ainda é um tema que mesmo assegurado por lei, dentro das instituições de ensino ainda existem grandes dificuldades para abordar temas relacionados ao racismo. Trago então algumas análises iconográficas para que haja uma melhor compreensão diante do que o LD se refere quando se trata de Letramento Racial, racismo e representatividade.

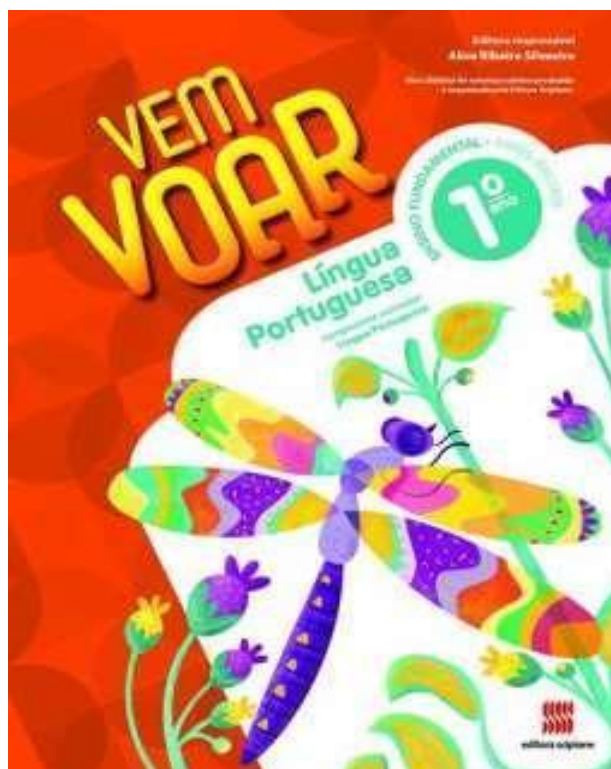
2.2 O LIVRO DIDÁTICO DO PRIMEIRO ANO DOS ANOS INICIAIS

Fazemos parte de uma cultura imagética, é essencial que haja uma preocupação com a leitura de imagens disponíveis nos livros didáticos, devemos despertar o olhar de curiosidade dos estudantes. As imagens possuem uma forma única de comunicação que utilizadas de forma a serem destacadas auxiliam no processo de construção de visão de mundo de maneira a refletir sobre tudo o que os cerca, trabalhando de forma crítica e problematizadora principalmente o LD sendo um grande apoio em sala de aula.

Ao compreender as imagens os valores que elas trazem sua relação com comportamentos sociais e econômicos percebe-se as verdades que vão constituindo a nossa subjetividade, sendo assim o LD e os livros de literatura infantil precisam estar adequados não apenas a faixa etária, mas também a realidade em que a criança está inserida devemos utilizar de livros em que esteja representado tanto nos textos como nas imagens o que realmente faz parte da cultura brasileira.

Apresento a capa do Livro Didático “Vem voar” que será descrito e analisado em seguida para que haja uma maior compreensão sobre como este material didático deve auxiliar na construção da identidade da criança.

Figura 1: Capa do LD do 1º ano do EFI utilizado pela Rede Municipal de Educação de Ponta Grossa (PR)



Fonte: Livro Vem Voar (SILVESTRE, 2018)

A editora responsável é Alice Ribeiro Silvestre. Trata-se de uma obra didática de natureza coletiva produzida e organizada pela Editora Scipione. É organizada e atualizada conforme a BNCC e faz parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

O livro analisado se trata de um material didático de Língua Portuguesa com título na capa “Vem voar” do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede pública do município de Ponta Grossa (PR). O livro apresenta quatro unidades, as quais são divididas em 3 capítulos. A Unidade 1 é “Aprender é uma festa!”, iniciando com o subtítulo “Um convite para amizade”, o qual aborda a escrita de nomes e palavras. Também há uma seção intitulada “Recreio”, o qual aparece em todas as Unidades do LD. Essa seção trata de um momento em que a professora que estará em sala poderá realizar as atividades de forma lúdica podendo acrescentar ou não outras propostas de leitura para a turma. O segundo Capítulo, intitulado “Vamos brincar” aborda o alfabeto, a formação de palavras, a relação entre palavra e imagem, parlendas e brincadeiras. Por fim, o Capítulo 3, “Letras por toda parte”, traz uma lista de palavras, a identificação de nomes e a organização da ordem alfabética.

A Unidade 2 tem como título “Mundo animal”. O primeiro Capítulo, “Rimando com os bichos”, aborda a localização e a escrita de palavras, formação de palavras, ordenação de letras, palavras com o mesmo final, poemas e palavras que rimam. O segundo Capítulo é “Uma capa animal” que aborda ordenação de sílabas, cruzadinha, escrita de palavras com sílaba indicada e adivinhas. No terceiro e último Capítulo da unidade tem como subtítulo “Aprendendo com os animais” trazendo conteúdos relacionados à escrita de palavras e identificação das mesmas.

A Unidade 3, intitulada “Comer, comer!”, no primeiro Capítulo apresenta o subtítulo “Que delícia”, abordando a escrita de palavras, a relação entre imagem e palavras lista de palavras e localização de palavras. O Capítulo dois, “Novos sabores”, vêm com os conteúdos: escrita de palavras com a mesma letra inicial, relação entre palavra e imagem e ordenação de letras. Finalizando esta Unidade o terceiro subtítulo é “No pomar” que apresenta a escrita de palavras, gráfico de colunas e lista de palavras.

Por fim, A Unidade, 4, “No mundo da fantasia”, inicia-se com o subtítulo do primeiro Capítulo “Olha a bruxa”, trazendo os conteúdos: relação entre imagem e palavra escrita, escrita de fala em balões, cruzadinha e escrita de palavras. O segundo subtítulo, “Que medo”, apresenta a relação entre imagem e nome de personagens, escrita lacunada, identificação de nomes de personagens e escrita de palavras. Para finalizar, a Unidade 4,

“Adivinha quem é”, aborda os seguintes conteúdos: palavras antônimas, enigma com partes de palavras, relação entre imagem e texto (legenda) e escrita lacunada.

Figura 2: Organização do LD

SUMÁRIO	
UNIDADE 1	
APRENDER É UMA FESTA!	
CAPÍTULO 1: UM CONVITE PARA A AMIZADE	10
SOPA DE LETRINHAS: ESCRITA DE NOMES E DE PALAVRAS.....	10
LEITURA: CONVITE DE ANIVERSÁRIO.....	14
PENSANDO A LÍNGUA: QUANTIDADE DE LETRAS / LETRA INICIAL.....	16
* RECREIO: RELAÇÃO ENTRE PALAVRA E IMAGEM / ESCRITA DE PALAVRAS.....	18
MEUS TEXTOS: CONVITE / APRESENTAÇÃO PESSOAL.....	20
CAPÍTULO 2: VAMOS BRINCAR!	24
SOPA DE LETRINHAS: ALFABETO E ORDEM ALFABÉTICA / FORMAÇÃO DE PALAVRAS PELA TROCA DE LETRA / RELAÇÃO ENTRE PALAVRA E IMAGEM.....	24
LEITURA: PARLÊNCIAS POPULARES.....	28
PENSANDO A LÍNGUA: LETRAS E OUTROS SINAIS GRÁFICOS.....	30
* RECREIO: ORDENAÇÃO DE PARLÊNCIA / ESCRITA LACUNADA / PALAVRAS COM MESMO FINAL.....	32
MEUS TEXTOS: RODA DE PARLÊNCIAS / MURAL DE PARLÊNCIAS.....	34
* LEITURA DE IMAGEM: MÚLTIPAS BRINCADEIRAS.....	38
CAPÍTULO 3: LETRAS POR TODA PARTE	40
SOPA DE LETRINHAS: REGRA DE JOGO / LISTA DE PALAVRAS / LETRA INICIAL / IDENTIFICAÇÃO DE NOMES.....	40
LEITURA: REGRA DE JOGO.....	44
PENSANDO A LÍNGUA: ORDEM ALFABÉTICA.....	46
* RECREIO: AGENCIA TELEFÔNICA / ORDEM ALFABÉTICA.....	48
MEUS TEXTOS: REGRA DE BRINCADEIRA / COMPARTILHANDO A BRINCADEIRA.....	50
BELAS PALAVRAS: POEMA SOU DOS VERDES MARES (PATATINA DO ASSARE) / POEMA AMIZADE (SERGIO CAFFARELLI).....	54
REVER IDEIAS	62
UNIDADE 2	
MUNDO ANIMAL	
CAPÍTULO 4: BRINHANDO COM OS BICHOS	66
SOPA DE LETRINHAS: LOCALIZAÇÃO E ESCRITA DE PALAVRAS / FORMAÇÃO DE PALAVRAS PELA TROCA DE LETRAS / ADIVINHA / ORDENAÇÃO DE LETRAS / PALAVRAS COM O MESMO FINAL / RELAÇÃO ENTRE PALAVRA E IMAGEM.....	66
LEITURA: POEMA LETRA MÁGICA (JOSE PAULO PAES).....	70
PENSANDO A LÍNGUA: VOGAIS E CONSOANTES.....	72
* RECREIO: PALAVRAS QUE RIMAM / ESCRITA DE PALAVRAS COM VOGAIS.....	74
MEUS TEXTOS: FIMAS / JOGAL.....	76
CAPÍTULO 5: UMA CASA ANIMAL!	80
SOPA DE LETRINHAS: ORDENAÇÃO DE SILABAS / CRUZADINHA / ESCRITA DE PALAVRAS COM A SILABA INICIAIS / ADIVINHAS.....	80
LEITURA: CAPA DO LIVRO UM PASSARINHO ME CONTOU (JOSE PAULO PAES).....	84
PENSANDO A LÍNGUA: SILABA DE SILABA.....	86
* RECREIO: CRUZADINHA SILÁBICA / FORMAÇÃO DE PALAVRA PELA TROCA DE SILABA.....	88
MEUS TEXTOS: CAPA DE LIVRO / RODA DE SUJEITOS DE LETURA.....	90
* LEITURA DE IMAGEM: CUIDANDO DOS ANIMAIS.....	94
CAPÍTULO 6: APRENDENDO COM OS ANIMAIS	96
SOPA DE LETRINHAS: PALAVRA DENTRO DE PALAVRA / ESCRITA DE PALAVRAS / IDENTIFICAÇÃO DE PALAVRAS.....	96
LEITURA: FÁBULA O LEÃO E O RATINHO (JEAN DE LA FONTAINE).....	100
PENSANDO A LÍNGUA: ESPAÇO ENTRE AS PALAVRAS / SINAIS DE PONTUAÇÃO / DIREÇÃO DA LEITURA.....	104
* RECREIO: IDENTIFICAÇÃO DE ANIMAIS E ESCRITA DE NOMES.....	106
MEUS TEXTOS: APRESENTAÇÃO DE FINAL DE FÁBULA / ESCRITA DE FINAL DE FÁBULA.....	108
BELAS PALAVRAS: POEMA ADIVINHA DOS PÊS (JOSE PAULO PAES) / TRAVA-LÍNGUAS POPULARES.....	112
REVER IDEIAS	120
UNIDADE 3	
COMER, COMER!	
CAPÍTULO 7: QUE DELÍCIA!	124
SOPA DE LETRINHAS: ESCRITA DE PALAVRAS / RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E PALAVRA / LISTA DE PALAVRAS / LOCALIZAÇÃO DE PALAVRAS.....	124
LEITURA: PINTURA CESTA DE FRUTAS (GIUSEPPE ARCHIBOLDI).....	128
PENSANDO A LÍNGUA: SILABAS INICIAL, MEDIAL E FINAL.....	130
* RECREIO: PINTURA VEGETAIS EM UMA TIGELA (HORTICULTOR) (GIUSEPPE ARCHIBOLDI) / LETRA DE PALAVRAS.....	132
MEUS TEXTOS: OBRA DE ARTE / EXPOSIÇÃO DE OBRA DE ARTE.....	134
CAPÍTULO 8: NOVOS SABORES	138
SOPA DE LETRINHAS: RELAÇÃO ENTRE PALAVRA E IMAGEM / ESCRITA DE PALAVRA COM MESMO INÍCIO / ORDENAÇÃO DE LETRAS.....	138
LEITURA: RECEITA CULINÁRIA QUINDIM DE MANGOCASSIA (TOMARIN BELANDY).....	142
PENSANDO A LÍNGUA: TIPOS DE LETRA.....	146
* RECREIO: TEXTO SOBRE A ORIGEM DA MAIUVOCICA / ESCRITA DE NOMES DE RECEITAS E PRATOS.....	150
MEUS TEXTOS: LIVRO DE RECEITAS / PROGRAMA DE CULINÁRIA.....	152
* LEITURA DE IMAGEM: CUIDANDO COM A ALIMENTAÇÃO.....	156
CAPÍTULO 9: NO POMAR	158
SOPA DE LETRINHAS: ESCRITA DE PALAVRAS / SÍMBOLO DE COLUNAS / LISTA DE PALAVRAS.....	158
LEITURA: LETRA DA CANÇÃO POMAR (PALAVRA CANTADA).....	162
PENSANDO A LÍNGUA: PALAVRAS TERMINADAS EM: SERRA.....	164
* RECREIO: PINTURA O MAMOEIRO (DARÍSIA DO AMARAL) / QUANTIDADE DE LETRAS / VOGAIS E CONSOANTES / TIPOS DE LETRA.....	166
MEUS TEXTOS: LETRA DE CANÇÃO / E HORA DE CANTAR.....	168
BELAS PALAVRAS: LETRA DA CANÇÃO SALADA (TUCIQUES) / POEMA RECEITA DE SEU OLHAR NO ESPINHO E RECEITA PARA ESPANHAR A TRISTEZA (ROSEANA MURRAY).....	172
REVER IDEIAS	180
UNIDADE 4	
NO MUNDO DA FANTASIA	
CAPÍTULO 10: OLHA A BRUXAS	184
SOPA DE LETRINHAS: RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E PALAVRA / ESCRITA DE PALAVRAS EM BALÕES / CRUZADINHA / ESCRITA DE PALAVRAS.....	184
LEITURA: HISTÓRIA EM QUADRINHOS: MUI E ZUZU (SIVA FURNARI).....	188
PENSANDO A LÍNGUA: ESCRITA LACUNADA / FORMAÇÃO E ESCRITA DE FRASE / LOCALIZAÇÃO DE PALAVRA.....	192
* RECREIO: IDENTIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS DA CAPA DO LIVRO BRUXINHA ZUZU E GATO MUI (SIVA FURNARI) / HISTÓRIA EM QUADRINHOS O MENINO MALDUDINHO (ZIRALDO).....	194
MEUS TEXTOS: FINAL DE HISTÓRIA.....	196
CAPÍTULO 11: QUE MEDO!	200
SOPA DE LETRINHAS: RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E NOME DE PERSONAGENS / ESCRITA LACUNADA / IDENTIFICAÇÃO DE NOME DE PERSONAGENS / ESCRITA DE PALAVRAS.....	200
LEITURA: POEMA QUEM TEM MEDO DE MONSTRO? (RUTH ROCHA).....	204
PENSANDO A LÍNGUA: ORDENAÇÃO DE PALAVRAS E ESCRITA DE FRASES / PALAVRAS SINÔNIMAS.....	208
* RECREIO: FORMAÇÃO DE FRASES / ESCRITA DE PALAVRAS.....	210
MEUS TEXTOS: RELATO ORAL SOBRE MEDO.....	212
CAPÍTULO 12: ADIVINHA QUEM É?	214
SOPA DE LETRINHAS: PALAVRAS ANTÔNIMAS / ENIGMA COM PARTES DE PALAVRAS / RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E TEXTO (LEGENDA) / ESCRITA LACUNADA.....	214
LEITURA: QUADRINHOS (RAFAEL SOARES DE OLIVEIRA).....	218
PENSANDO A LÍNGUA: PALAVRAS SINÔNIMAS E ANTÔNIMAS.....	220
* RECREIO: LEGENDA / BILHETES / ESCRITA DE NOME DE PERSONAGENS.....	222
MEUS TEXTOS: BILHETES SECRETOS / QUADRINHOS.....	224
BELAS PALAVRAS: POEMA AS BRUXAS DE BRANDEL (ANGÉLICA FREITAS) / HISTÓRIA SEM PALAVRAS UMA CRIANÇA ÚNICA (CLAUDINE).....	228
REVER IDEIAS	238
BIBLIOGRAFIA	240
MATERIAL COMPLEMENTAR	241

Fonte: Livro Vem Voar (SILVESTRE, 2018)

Todas as Unidades trabalham com a leitura de poemas, fábulas, HQ 's, entre outros gêneros. Porém não há um texto em que a criança possa identificar-se, construir sua identidade ou se autoconhecer como criança negra. Com base nessa breve análise nota-se que há indicação de obras significativas para a aprendizagem da criança, mas não estão necessariamente direcionadas a construção de identidade do educando em suas diferentes etnias.

Sendo assim, apresento a Figura 3 que possui destaques em obras que estão sendo sugeridas aos alunos ao final de cada Unidade para que professores e/ou responsáveis possam se aprofundar nos conteúdos apresentados. É importante que o educando se sinta representado nessas obras, tendo em vista que sua construção identitária tem início na fase de alfabetização, através de narrativas e que possam ouvir que suas vidas importam, que seu povo luta bravamente para conquistar seu lugar, que sua cor é linda, seu cabelo e seus traços são únicos e que pertencem a sociedade assim como brancos e demais etnias.

Figura 3: Respectivamente, páginas 60 e 61, 118 e 119, 178 e 179, 236 e 237 do LD do 1º ano EFI utilizado pela Rede Municipal de Educação de Ponta Grossa (PR)

..... CONHEÇA MAIS

LIVROS

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS. DE ROSEANA MURRAY. SÃO PAULO: FTD.
OS VINTE POEMAS DESSE LIVRO RESGATAM BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS, COMO BOLINHA DE GUDE, AMARELINHA, CASA NA ÁRVORE, PULAR CORDELA, BRINCAR DE RODA... É UMA VERDADEIRA CIRANDA POÉTICA PARA LER E BRINCAR SOZINHO OU EM GRUPO.

CANTIGAS, ADIVINHAS E OUTROS VERSOS - VOLUME 2. DE ANA CLÁUDIA E MARIANA BREM. SÃO PAULO: MELHORAMENTOS.
ESSE LIVRO TRAZ CANTIGAS DE RODA, ADIVINHAS, QUADRINHOS E PARLENHAS QUE BRINCAM COM A LÍNGUA PORTUGUESA E COM OS PERSONAGENS DO FOLCLORE BRASILEIRO.

KABÁ DAREBU. DE DANIEL MUNDURUKU. SÃO PAULO: BRINQUE-BOOK.
KABÁ DAREBU É UM MENINO INDÍGENA DE SETE ANOS QUE VIVE EM UMA ALDEIA DA AMAZÔNIA. NESSE LIVRO, ELE ENSINA UM POUCO SOBRE A CULTURA DO SEU POVO, OS MUNDURUKU, E CONTA COMO É O COTIDIANO E COMO SÃO AS BRINCADEIRAS DA CRIANÇA DA ALDEIA.

O CARROSEL. DE RAINER MARIA RILKE. TRADUÇÃO DE JULIANA P. PÉREZ. SÃO PAULO: BERLENDIS E VERTECCHIA EDITORES.
ESSE LIVRO TRAZ UM POEMA CHEIO DE CORES E MOVIMENTOS. É UMA VERDADEIRA BRINCADEIRA COM OS VERSOS E COM O TEMPO. ELE RODA SEM PARAR, PASSA GENTE, PASSA BICHO, E SEMPRE QUE O ELEFANTE BRANCO APARECE... UMA VOLTA INTERMINÁVEL COMEÇA DE NOVO.

O JOGO DA PARLENDA. DE HELOISA PRIETO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRINHAS.
ESSE LIVRO REÚNE PARLENHAS CONHECIDAS, COMO "UNDIRITE", "NINHO DOS MAFAGAFOS" E "BATAFINHA QUANDO NASCE", E OUTRAS CRIADAS PELA PRÓPRIA AUTORA. OS VERSINHOS PODEM SER LIDOS NA ESCOLA, COM OS AMIGOS, OU EM CASA, COM TODA A FAMÍLIA.

PARLENHAS PARA BRINCAR. DE JOSCA ALINE BARCOURY E LUCILA SILVA DE ALMEIDA. SÃO PAULO: PANDA BICHOS.
NESSE LIVRO, AS AUTORAS REUNIRAM PARLENHAS CONTAGIANTES, QUE GRUJAM NA MEMÓRIA E FAZEM A GENTE QUERER BRINCAR. TEM PARA TODOS OS TIPOS DE BRINCADEIRA: DE ESCOLHER, DE RIMAR, DE LEMBRAR, DE FALAR OS NÚMEROS E ATÉ DE ENROLAR A LÍNGUA!

SALADA, SALADINHA: PARLENHAS. DE MARIA JOSÉ NOBREGA E ROSANE PAMPLONA. SÃO PAULO: MODERNA.
AS PARLENHAS DESSE LIVRO CONVIDAM O LEITOR A ENTRAR EM UM JOGO DE IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE E A INTERAGIR COM O OUTRO. IDEAL PARA LER EM FAMÍLIA OU EM SALA DE AULA.

UM CALDEIRÃO DE POEMAS. DE TATIANA BELINKY. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRINHAS.
NESSE CALDEIRÃO SE MISTURAM POEMAS DE GRANDES AUTORES, E ATÉ ALGUNS QUE NINGUÉM SABE QUEM ESCREVEU. ELES FALAM SOBRE VÁRIOS ASSUNTOS, COMO AVENTURA, AMOR, SAÚDE E TRABALHO. ALGUNS SÃO DIVERTIDOS, OUTROS SÃO MAIS SÉRIOS, MAS OS 62 TEXTOS, MESMO SENDO TÃO DIFERENTES, SE COMPLETAM EM UM LIVRO CHEIO DO ENCANTO DA POESIA.

CD

CANÇÕES DE BRINCAR. DE PALAVRA CANTADA.
ESSE CD TRAZ QUINZE CANÇÕES COM LETRAS IMPREVEDENTES QUE AGRADAM A CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES. TEM MÚSICA SOBRE SOPA, ANIVERSÁRIO, PIPOCA, BOM DIA, ATÉ SOBRE UMA PULGUEIRA MUITO ATIVA. TEM DE TUDO UM POUCO, PARA DIVERTIR TODO MUNDO.

..... CONHEÇA MAIS

LIVROS

BRASILEIRINHOS: POESIA PARA OS BICHOS MAIS ESPECIAIS DA NOSSA FAUNA. DE LALAU E LAURABEATRIZ. SÃO PAULO: COSAC NAINY.
ANIMAIS EM EXTINÇÃO DA FAUNA BRASILEIRA, COMO O JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO, A ANIRANHA E O PEIXE-BOI, VIRARAM POESIA NAS MÃOS DO AUTOR. HÁ INFORMAÇÕES TÉCNICAS SOBRE CADA ANIMAL, COMO PESO, TAMANHO E LOCAL. ONDE VIVE, ENTRE OUTRAS.

COLEÇÃO FÁBULAS ILUSTRADAS: TURMA DA MÔNICA. DE MAURÍCIO DE SOUSA. SÃO PAULO: GIRASSOL.
ESSA COLEÇÃO TRAZ A RELEITURA DE FÁBULAS CLÁSSICAS REPRESENTADAS PELA TURMA DA MÔNICA, SÃO VÁRIOS LÁPIS, CADA UM DELES RECONTA UMA FÁBULA DIFERENTE.

DULCE, A ABELHA. DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIROZ. SÃO PAULO: ALFAGUARA.
A VIDA NA COLMÉIA NÃO É FÁCIL. A DULCE QUE O DIDI! AS ABELHAS TRABALHAM BASTANTE, MAS DULCE, UMA ABELHINHA DIABÉTICA, PASSA MAL QUANDO ESTÁ PERTO DE DOCES. TAMBÉM NÃO CONSEGUE COLHER NECTAR SEM DESMAIAR. E AGORA?

FÁBULAS. DE LIEV TOLSTÓI. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRINHAS.
ESSE LIVRO TRAZ NOVE FÁBULAS EM QUE AS PERSONAGENS PRINCIPAIS SÃO ANIMAIS OU PLANTAS. HISTÓRIAS CURTAS E BEM-HUMORADAS PARA VOCÊ SE DIVERTIR.

HISTÓRIAS DE BICHOS BRASILEIROS: FOLCLORE BRASILEIRO. RECONTADAS POR VERA DO VAL. SÃO PAULO: WMF MARTINS FONTES.
ESSE LIVRO TRAZ VÁRIAS HISTÓRIAS DO FOLCLORE BRASILEIRO EM QUE A BICHARADA É PROTAGONISTA. TEM MACACO, GATINHA, ARBUTI, VEADO, COELHO, COTIA, TARTARUGA... MAS ELAS MAIS PARECEM GENTE QUE BICHO.

O VIRA-LATA FILÉ. DE CLÁUDIA RAMOS. SÃO PAULO: PAULINAS.
FILE É UM CÃO MUITO TRAVESSO, ESTÁ POR TODO LADO. CORRE DE LÁ PARA CÁ, QUASE ESCAPA DA HISTÓRIA! MAS SEMPRE ESTÁ PERTO DA LATA, SUA GRANDE COMPANHEIRA DE AVENTURAS.

ZOOLOGIA BIZARRA. DE FERREIRA GULLAR. SÃO PAULO: CAMIHO.
VOCÊ JÁ CONHECEU UMA LHAMBA BALANÇAR? E UM PÁSSARO TENISTA? CERTO DIA, O GATO DO POETA EMBARALHOU OS PAPEIS QUE ELE GUARDAVA PARA FAZER COLAGENS. NASCERAM, ENTÃO, ESSES E MUITOS OUTROS ANIMAIS BIZARROS, FRUTOS DA IMAGINAÇÃO E DO ACASO.

CD

A ARCA DE NOÉ. DE VINÍCIUS DE MORAES. SÃO PAULO: SONY MUSIC.
LÁ VEM A ARCA COM O PERU QUE PENSA QUE É FRANGO, A CORLUNHA COTIDIANA, A FORMIGA PEQUENINA E MUITOS OUTROS ANIMAIS E CANÇÕES GENUÍNS, INTERPRETADAS POR GRANDES CANTORES E CANTORAS BRASILEIROS.

..... CONHEÇA MAIS

LIVROS

 **A CESTA DE DONA MARICOTA.** DE TATIANA BELINXY. SÃO PAULO: PAULINAS. EM VERSOS E RIMAS, OS ALIMENTOS PROVOCAM UNS AOS OUTROS, CONTANDO AS VANTAGENS NUTRITIVAS DE SE COMER VERDURAS, FRUTAS E LEGUMES.

 **AS FRUTAS DA LILI.** DE LUCE ALBON. TRADUZIDO POR MARIA ALICE SAMPAIO DORIA. SÃO PAULO: MELHORAMENTOS. A GELEVA ACABOU NA CASA DA RATINHA LILI. E AGORA? ACOMPANHADA DE SEU AMIGO HENRIQUE, ELA COLHE AMEIXA, MORANGO, QUIJI E MUITAS OUTRAS FRUTAS DELICIOSAS.

 **AS PANQUECAS DE MAMA PANYA.** DE MARY E RICH CHAMBERLIN. SÃO PAULO: SM. MAMA PANYA VAI FAZER SUAS SABOROSAS PANQUECAS! ANIMADO, SEU FILHO ADRIKA CONVIDA TODO MUNDO QUE ENCONTRA NO CAMINHO PARA COMER TAMBÉM, MAS ELAS NÃO TÊM DINHEIRO PARA ALIMENTAR TANTA GENTE. COMO RESOLVERÃO ESSE DILEMA?

 **DIA DE FESTA: RECEITAS E HISTÓRIAS PARA COMEMORAR.** DE GISELA TOMANIK. BERLINO. SÃO PAULO: COMPANHIA EDITORA NACIONAL. UM LIVRO DE CULTURA PARA CRIANÇAS QUE TRAZ RECEITAS E CONTA A ORIGEM DE COMEMORAÇÕES E FESTIVIDADES PELO MUNDO AFORA: CARNAVAL, PASCOA, DIA DAS BRUXAS, NATAL, RÉVEILLON.

 **O LIVRO DOS PORQUÊS: ALIMENTOS.** DE DAINES KATIE. TRADUÇÃO DE JANE CHRISTHOLM. LONDRES: USBORNE. VOCÊ SABE QUEM INVENTOU O SANDUICHE? E QUAL ALIMENTO PODE SER GUARDADO PARA SEMPRE? AS JANELINHAS DESTA LIVRO GUARDAM AS RESPOSTAS PARA ESSAS E MUITAS OUTRAS PERGUNTAS SOBRE OS ALIMENTOS.

 **OS QUADROS DIVERTIDOS DE ARCIMBOLDO.** DE SYLVIE GRIARDET. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRINHAS. NESSE LIVRO, VOCÊ CONHECE MAIS SOBRE A VIDA DO PINTOR ITALIANO GIUSEPPE ARCIMBOLDO E AINDA BRINCA COM ALGUMAS DE SUAS PINTURAS.

 **UM TICO-TICO NO FUBÁ: SABORES DA NOSSA HISTÓRIA.** DE GISELA TOMANIK. BERLINO. SÃO PAULO: COMPANHIA EDITORA NACIONAL. LIVRO COM RECEITAS APROPRIADAS PARA CRIANÇAS. ELAS SÃO ORGANIZADAS POR IDADE E AINDA TRAZEM UM POUQUINHO DA HISTÓRIA DOS SABORES DE NOSSO PAÍS.

 **"VERDURA? NÃO!": APRENDENDO SOBRE NUTRIÇÃO.** DE CLAIRE LLEWELLYN. SÃO PAULO: SCIPHON. MÔNICA TEM PESSIMOS HÁBITOS ALIMENTARES, MAS, COM A AJUDA DE RAQUEL, ELA DESCOBRE A IMPORTÂNCIA DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL.

178 179

Reprodução de Livro de Estudante em formato reduzido.

..... CONHEÇA MAIS

LIVROS

 **ADIVINHE SE PUDER.** DE EVA FURNARI. SÃO PAULO: MODERNA. ESSE LIVRO APRESENTA ADIVINHAS QUE VÃO DIVERTIL-O.

 **A INFÂNCIA DA BRUXA ONILDA.** DE ENRIC LARREULA. TRADUÇÃO DE IRAMI B. SILVA. SÃO PAULO: SCIPHON. JÁ NO PRIMEIRO DIA DE AULA, A BRUXA ONILDA AFRUMOU A MAIOR CONFUSÃO: TRANSFORMOU A PROFESSORA EM COELHO, CAUSOU UMA EXPLOÇÃO. NESSE LIVRO, VOCÊ VAI CONHECER DUAS HISTÓRIAS DO COMEÇO DA VIDA MÁGICA DA PEQUENA BRUXA ONILDA.

 **ALGUNS MEDOS E SEUS SEGREDOS.** DE ANA MARIA MACHADO. SÃO PAULO: GILDEAL. NESSE LIVRO VOCÊ ENCONTRA TRÊS HISTÓRIAS NARRADAS COM HUMOR E GRAÇA SOBRE MEDOS. AFINAL, TODO MUNDO SENTE MEDO DE ALGUMA COISA.

 **CHAPEUZINHO AMARELO.** DE CHICO BUARQUE. SÃO PAULO: JOSE OLYMPIO. ESSE LIVRO CONTA A HISTÓRIA DE UMA MENINA QUE TINHA MEDO DE TUDO. MAS DO QUE ELA MAIS TINHA MEDO. ERA DO LOBO! SERÁ QUE ELA VAI CONSEGUIR SE LIVRAR DESSE MEDO?

 **NUMA NOITE MUITO ESCURA.** DE SIMON FRESCOTT. TRADUZIDO POR SILVANA SALERNO. SÃO PAULO: PUBLIFOLHINHA. UM RATINHO CORAJOSO CAMINHA PELA FLORESTA EM UMA NOITE MUITO, MUITO ESCURA. ELE CHEGA A UMA CIDADE TAMBÉM ESCURA, ONDE ENCONTRA UMA CASA CHEIA DE SOMBRAS. EM MEIO A ESSA ESCURIDÃO TODA, ELE TEM UMA GRANDE SURPRESA!

 **O LOBO VOLTOU!** DE GEOFFROY DE PENNART. SÃO PAULO: BRINQUE-BOOK. A NOTÍCIA DE QUE O LOBO VOLTOU DEIXA TODOS OS PERSONAGENS AMEDRONTADOS E ELAS RESOLVEM SE REUNIR PARA ENFRENTÁ-LO JUNTOS. MAS SERÁ QUE ESSE LOBO AINDA TEME MEDO?

 **O PEQUENO FANTASMA.** DE PEDRO BANDEIRA E CARLOS EDGARDO HERRERO. SÃO PAULO: MODERNA. QUEM DISSE QUE FANTASMAS NÃO EXISTEM? ELAS EXISTEM E PODEM SER MUITO SIMPÁTICOS! NESSE LIVRO VOCÊ VAI CONHECER PSIU, O FANTASMINHA QUE VAI FAZER VOCÊ PERDER SEU MEDO.

 **TENHO MEDO MAS DOU UM JEITO.** DE RUTH ROCHA E DORA LORCH. SÃO PAULO: SALAMANDRA. ESSE LIVRO APRESENTA OS MEDOS MAS COMEÇA A TODOS NÓS E IDEIAS DE COMO RESOLVER ESSES CONFLITOS. ALÉM DISSO, MOSTRA COMO LIDAR COM OS MEDOS SAUDÁVEIS, QUE NOS ALERTAM PARA OS PERIGOS DA VIDA.

236 237

Reprodução de Livro de Estudante em formato reduzido.

Fonte: Livro Vem Voar (SILVESTRE, 2018)

As imagens da Figura 3 trata-se respectivamente de um recorte das páginas 60 e 61, 118 e 119, 178 e 179, 236 e 237, em que o LD apresenta obras de LI na seção Conheça Mais.

Ao final de todos os capítulos há sugestões de livros nessa seção. De acordo com as orientações dos autores do LD para os professores são sugestões que podem ser apresentadas em sala de aula ou fora da escola. Ou seja, são sugestões de leituras. Ao analisar os títulos das obras observa-se que não há uma representatividade negra na maioria das obras. Não há sugestões de obras infantis em que a criança possa olhar a capa e sentir que pode ter algo que se assemelhe a sua vida cotidiana, sua cultura e sua raça.

Em relação à representatividade na infância é importante que a literatura utilizada seja lúdica, agradável e adequada à imaginação das crianças. Isso favorece a discussão de muitos assuntos, como é o caso do respeito às diferenças e principalmente o combate ao racismo, além de auxiliar no trabalho de construção da autoestima para que as crianças possam crescer seguras e independentes. Tudo aquilo a que a criança tem acesso e convivência torna-se referência na sua construção individual de teorias sobre o mundo, cria sua visão sobre a família, sociedade e de relações com si mesmo e os demais que a cerca.

De acordo com Anória (2008), muitos pretos se recusam a aceitar a sua cor pelo fato de serem marginalizados e procuram reproduzir ações e comportamentos considerados brancos, assim podemos entender um pouco mais do porquê deve-se ter essa representatividade em novelas, filmes e principalmente na escola. Nessa direção, este trabalho pode ser considerado uma das ferramentas que irão auxiliar o professor em sala de aula a construir a identidade de cada aluno. A autora também cita que não podemos esquecer que a literatura tem o importante papel de contribuir para redimensionar os olhares de nós mesmos e da sociedade sensibilizando e formando a identidade negra de forma diversa, bela e rica.

A pouca representatividade causa impacto direto na autoimagem de crianças negras e a forma que percebem e valorizam a sua ancestralidade. Para aqueles que não são negros também se cria uma imagem de mundo que não é real como se não houvesse diversidade. Por isso se faz importante a promoção da representatividade negra desde a educação infantil ampliando para todo o contexto escolar. O processo de escravização desumanizou o negro e a educação antirracista vem na direção de reconstruir essa humanização e o entendimento de que todos têm direitos. Quando a cultura afro-brasileira e africana deixa de ser ensinada há uma negação das diferentes culturas.

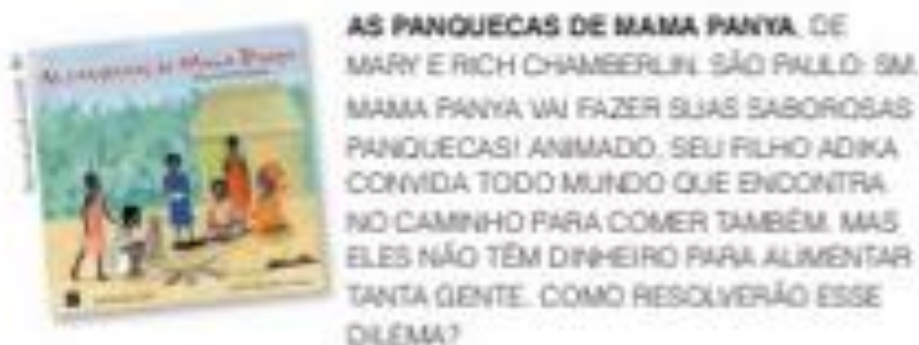
Contar as histórias de negro não é problema, mas sim como é feita a abordagem desse tema, porque as crianças e jovens sentem-se constrangidos diante do desprestígio de sua descendência, repassado nos textos literários e as figuras que os acompanham. O leitor negro encontra poucas imagens dignas de se reconhecer, seja na profissão, na educação e na simpatia (PACHÊCO, 2019, p.03).

Ainda de acordo com a autora, ao trazer uma educação de representatividade para a sala de aula o conhecimento histórico passa além de uma sociedade que foi escravizada e torna-se um povo símbolo de luta e resistência. Quando não se há presença de referências, manifestações culturais e/ou diferentes realidades cria-se um espaço excludente, não contemplando a necessidade de ver o mundo em que cada criança vive ali na sala de aula (PACHÊCO, 2019).

Ao analisarmos as sugestões de literatura infantil ao final de cada Unidade que o LD sugere podemos compreender que se trata de uma proposta para a ampliação do conhecimento da criança, porém o que acontece é que o LD acaba por silenciar representações culturais do povo negro, trazendo temas em que os educandos acabam por reproduzir a hegemonia branca e não reflete criticamente sobre as relações étnico-raciais.

Figura 4: recorte da página 178 do LD do 1º ano EFI utilizado pela Rede Municipal de Educação de Ponta Grossa (PR)

Fonte: Livro Vem Voar (Silvestre,2018)



Das obras que são sugeridas trago este recorte da página 178. O livro “As panquecas de Mama Panya”, narra a história de uma moradora de um vilarejo no Quênia, Mama Panya, que resolve fazer panquecas e vai ao mercado com o filho Adika para comprar farinha. No caminho, o garoto não se contém e convida para o jantar todos os amigos que encontra. Mama Panya tem poucas moedas na bolsa, mas o que poderia ser um problema se transforma em forte manifestação de amizade e compartilhamento.

A história se passa em uma localidade no leste da África, a capa do livro “As panquecas de Mama Panya” apresenta ilustrações de pessoas negras ao redor de uma fogueira que se dá a entender que esta seria a forma como *Mama Panya* teria para cozinhar diariamente.

A obra retrata uma família em situação de vulnerabilidade social na frase “*Mama Panya tem poucas moedas na bolsa*” assim como na capa é apresentado, mas se a criança que ouve esta história não faz parte de um grupo econômico desfavorecido?

Não basta escolhermos livros que apresentam imagens da África, pois a questão não é essa, mas sim a importância de que estes livros sejam parte do que a criança é e (re)conhece.

O livro apresenta a panqueca que não é uma comida típica nem do Brasil nem mesmo da África, região em questão, o Quênia, país africano⁴. Poderiam retratar a culinária africana (arroz jollof, funje com calulu de peixe, mucapata), temos um vasto menu no Brasil a cada região que constitui esse país a culinária traz uma mistura cultural. Retratar a cultura africana, afro-brasileira vai além de apenas citar a questão socioeconômica. É necessário ampliar a concepção de LRC nos LD, principalmente nos anos iniciais.

Na esteira de Ferreira (2019), o letramento vai além da apropriação da escrita e da leitura, diz respeito ao uso social desta forma de se comunicar. A alfabetização é realizada não exclusivamente em sala de aula, geralmente é a forma como todos obtém a formação no processo de aprendizagem, por outro lado o letramento se adquire tanto na escola como na comunidade em que o educando está inserido, como na família, trabalho, na rua mídia etc. Pela aquisição do LC, os indivíduos são capazes de refletir e atuar no sentido da transformação do status que, questionando as desigualdades naturalizadas pelo discurso hegemônico na busca de uma sociedade mais justa e igualitária. (PEREIRA; LACERDA, 2019, p.95).

Ferreira (2015) argumenta que a ideologia dominante ainda é a branca e ao observar a forma como os livros são sugeridos ao fim de cada unidade tem-se a certeza de que as histórias têm o protagonismo branco. O branqueamento faz com que os negros assimilem valores passando a ter comportamentos semelhantes aos da cultura branca para que sejam aceitos nesta ideologia eurocêntrica. Portanto há um silenciamento quando obras como: O mundo no Black Power de Tayó, de Kiusam de Oliveira, que traz a beleza do cabelo afro e o cuidado que deve-se ter com tanta beleza, mostrando a identidade que o negro tem, é silenciada, está é uma obra que deveria constar como indicação de leitura e na mesma direção, o livro Zum Zum Zumbiiiiii, de Sonia Rosa, o qual apresenta a história do Zumbi dos Palmares narrada com intuito de mostrar como foi a luta contra a escravidão no Brasil e a valorização da história e conscientização sobre o racismo que ainda permeia a sociedade, também é silenciada.

⁴ Não se sabe ao certo a originalidade da panqueca, acredita-se que os antigos gregos já realizavam uma receita semelhante. Mas se popularizou nos Estados Unidos, o nome panqueca vem do inglês pan (frigideira) cake (bolo e outras massas).

Sendo assim as iconografias e sugestões de LI aqui apresentadas, as quais são sugeridas no LD, não se apropriam diretamente da cultura africana, afro-brasileira e tão pouco da desconstrução sobre o que o eurocentrismo inseriu sobre a sociedade brasileira.

Reporto-me aqui à ideologia do silêncio que ainda é bastante presente nas escolas e nas obras de LI. O silêncio, segundo Orlandi (2018, p.101) “[...] não é transparente ele é ambíguo quanto as palavras, pois se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar”, e ainda, o silêncio “não é o não-dito que sustenta o dizer, mas é aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído”. Assim as iconografias analisadas apresentam este silenciamento, o fato de trazer uma cultura onde o aluno está inserido de forma errônea é uma maneira de calar a verdade sobre toda a história negra.

Nessa mesma linha de apreciação, Freire (2020, p. 108) destaca:

A existência, porque humana, não pode ser mudada, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novos pronunciamentos. (FREIRE, 2020, p. 108).

Sendo assim, muitas vezes dentro de sala de aula o professor fica calado, não identifica atos preconceituosos e racistas, acabam por não discutir o assunto ou enfatizar a necessidade de falar sobre ações que não devem se repetir, algumas vezes se omitem por não compreenderem que afetam diretamente na autoestima do aluno, existem também os que se calam por serem racistas, faz se então a importância de trabalhar contra o racismo dando cada vez mais voz para que seja cessado.

Outra obra apresentada no LD é Kabá Darebu, este recorte da Figura 4 foi retirado da página 60. Trata-se de uma obra do autor Daniel Munduruku que além de escritor é professor e ativista indígena brasileiro, suas obras são voltadas para a literatura infanto-juvenil, traz como tema principal a cultura indígena.



KABÁ DAREBU, DE DANIEL MUNDURUKU.
SÃO PAULO: BRINQUE-BOOK.

KABÁ DAREBU É UM MENINO INDÍGENA DE SETE ANOS QUE VIVE EM UMA ALDEIA DA AMAZÔNIA. NESSE LIVRO, ELE ENSINA UM POUCO SOBRE A CULTURA DO SEU POVO, OS MUNDURUKU, E CONTA COMO É O COTIDIANO E COMO SÃO AS BRINCADEIRAS DA CRIANÇA DA ALDEIA.

Fonte: Livro Vem Voar (Silvestre,2018)

A obra Kabá Darebu apresenta a cultura indígena através dos olhos de um pequeno indígena de 7 anos, de forma poética e sábia fala um pouco sobre o seu povo Munduruku. A história relata uma aldeia de forma a valorizar este povo que nos trouxe tantos valores e costumes. Cita a fauna e flora brasileira, brincadeiras por eles realizados, assim como festas e a forma como produzem tintas que são usadas nos desenhos em seus corpos, cita os instrumentos confeccionados e demais artefatos que fazem parte da cultura indígena.

Diferente da obra “As panquecas de Mama Panya” a cultura indígena é retratada enfatizando os costumes e deixando evidente as riquezas deste povo e do Brasil. Portanto vê-se como devemos apreciar a brasilidade e os povos afro-brasileiros e africanos quando apresentamos uma obra literária ligada ao negro.

A centralidade do conhecimento experiencial segundo Ferreira (2015) é uma forma de trabalhar com a cultura afro-brasileira, africana e indígena. Na esteira da autora, quando conhecemos o conteúdo que será trabalhado em sala de aula com o LD poderemos partir deste ponto central, sendo este o conhecimento que já foi internalizado pelo aluno diante de suas vivências familiares e/ou com a comunidade escolar e ampliar esse conhecimento em sala de aula. Portanto analisar as obras que estão sendo sugeridas, antes de apresentá-las em sala de aula, é muito importante para que o educando se encontre nas leituras e construa o seu *eu*.

Ao analisar a Unidade 4 do LD, intitulada “Mundo da fantasia”, trago o Capítulo 10 nas Figuras 5, 7 e 8 páginas 184 e 186, 204 e 206. Esta unidade aborda a literatura infantil, apresenta histórias clássicas como a de Branca de Neve, Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho. Estas histórias sempre farão parte dos momentos de leituras mediadas, contações de histórias e horários livres como recreio das escolas ou saída.

O que se deve observar é como essas histórias influenciam a vida das crianças que às leem, destaco mais uma vez a importância de trazer a realidade do aluno mesmo que para um momento livre, não estamos errados de apresentar clássicos aos alunos, mas devemos mediar a história de forma com que o aluno se encontre no que ouve.

Nesta Unidade não há uma história que auxilie este processo de construção de identidade ou que represente a força do povo negro ao longo da história do Brasil. Sendo assim apresento as figuras citadas acima para que possa contextualizar as análises realizadas.

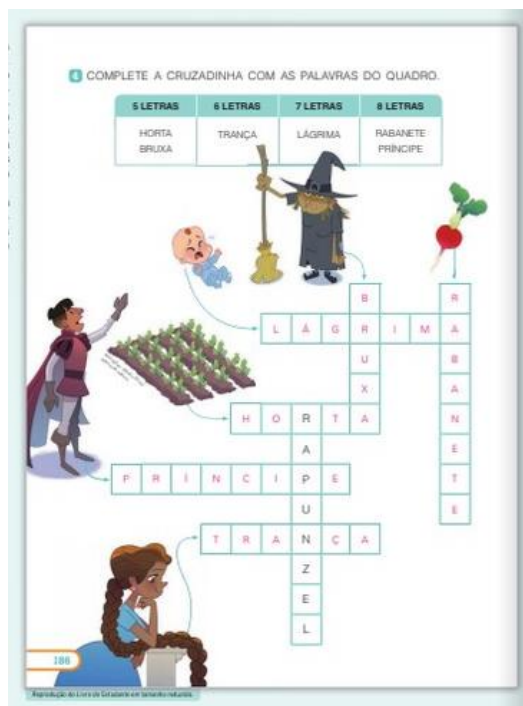
Figura 6: página 184 do LD do 1º ano EFI utilizado pela Rede Municipal de Educação de Ponta Grossa (PR)



Fonte: Livro Vem Voar (Silvestre,2018)

Esta imagem foi retirada da página 184, apresenta a história da princesa Rapunzel. Nesta imagem ela e o príncipe são brancos, assim como na grande maioria das histórias infantis que narram a vida de príncipes e princesas. Para realizar a análise trago mais uma figura que fará complemento ao que será descrito.

Figura 7: imagem retirada da página 186 do LD do 1º ano EFI utilizado pela Rede Municipal de Educação de Ponta Grossa (PR)



Fonte: Livro Vem Voar (Silvestre,2018)

Nota-se que nesta imagem a princesa e o príncipe são negros, mas a questão é saber a intencionalidade da autora do LD, pois não há uma problematização ou abordagem sobre a diferença entre as cores utilizadas nas imagens, apenas mudaram a tonalidade da pele para que a criança olhe esta leitura e suponha que é representada, mas quando se trata diretamente de representatividade estas imagens não passam de ilustrações que silenciam o racismo.

Retomando a política do silenciamento, “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2020, p. 78). Portanto, o ato de dar voz ao pertencimento a representatividade traz-se as lutas vividas pelos alunos que muitas vezes não se reconhecem como negros ou até mesmo deixam claro que gostariam de ser brancos, sendo assim é muito importante utilizar as palavras corretas para empoderar os educandos.

Quando vemos essas imagens devemos refletir na necessidade de abordar o LRC, pois só assim serão trabalhados intencionalmente problematizando e indicando propostas que abrangem a cultura afro-brasileira e africana, valorizando em todas as singularidades as crianças no processo de autoconhecimento, assim assumimos o compromisso com a justiça social que Aparecida (2015) nos traz para que haja cada vez mais a desconstrução de raça e racismo.

Nessa mesma direção, segundo Ladson-Billings e Tate (1995):

Para a Teoria Racial Crítica, a realidade social é construída pela formulação e pela troca de histórias sobre situações individuais. Essas histórias servem como estruturas interpretativas a partir das quais nós impomos ordem na experiência e a experiência em nós. (Ladson-Billings e Tate, 1995, p. 57).

Assim, compreende-se então que o contato com a literatura infantil vai além dos saberes escolares e deve abordar o negro em sua totalidade, seu pertencimento étnico, as condições socioeconômicas, sua cultura no geral. Portanto, os livros de literatura infantil são considerados um agente no processo de socialização, construção da identidade racial e um compromisso social como o desenvolvimento integral da criança.

Na mesma direção, Bell (2003) destaca que:

[...] histórias não são simplesmente produções individuais, mas culturais e ideológicas também. Porque nós produzimos e comunicamos histórias dentro de um contexto social, as histórias que contamos são aquelas que são “culturalmente disponíveis para os nossos dizeres” (Ewich e Silbey, 1995) e, portanto, refletem e reproduzem as relações sociais existentes. Isto é tão verdade para o tema da raça/racismo como para qualquer outro tema de contar histórias. (BELL, 2003 apud FERREIRA, 2014, p. 4).

Assim, na mesma concepção do LD, as obras de literatura infantil, auxiliam no processo de compreensão e construção das questões étnico-raciais. Essas narrativas, são uma grande forma de se aprofundar no letramento racial, pois quando o aluno vê uma imagem ou escuta uma história que representa sua cor ou até mesmo a sua história de vida (mesmo que não seja tão semelhante à realidade) a criança passa a se sentir representada, valorizada e acolhida.

Ao retomar as Figuras 5 e 6 podemos notar o quão vago ficou o diferente tom de colorismo da pele da Rapunzel e do Príncipe, ou seja, não é problematizado e não demonstra um intuito a ser seguido, mas uma forma de calar aqueles que possam comentar “não há personagens pretos no LD do meu filho”. Quando um personagem é protagonista nas histórias em geral são brancos, ocupam palácios e castelos dando a entender o nível socioeconômico que ocupa. Quando um negro é representado, é comum perceber diferentes funções como por exemplo; faxineiro, cozinheiro e mora em casas simples, escuras e de madeira, dando a entender que nem energia possuem. Portanto, há uma grande diferença entre a forma como brancos e pretos são representados em iconografias nos LD e na LI.

A próxima imagem a ser analisada nos faz pensar em como o negro é representado em outros momentos. Quando trazemos um personagem preto em LD ou em qualquer outra situação, é necessário compreender a relação entre a imagem representada e suas intencionalidades. Em outras palavras, temos que pensar em como ele é retratado, se não é ridicularizado como acontece muitas vezes ou estereotipado como um objeto, desvalorizando os seus reais traços tais como: cabelo, tonalidade da pele, nariz, lábios entre outras características que fazem o preto ter sua beleza única.

Figura 8: recorte retirado da página 204 e 205 do LD do 1º ano EFI utilizado pela Rede Municipal de Educação de Ponta Grossa (PR)



Fonte: Livro Vem Voar (Silvestre,2018)

Está imagem é um exemplo em como o negro foi representado de forma grotesca, a bruxinha é branca tem cabelos castanhos, os meninos são brancos de cabelos referentes as suas cores. A questão que fica é: porque o cabelo da menina negra é vermelho? Nota-se que, como a barba do pirata, que na grande maioria das vezes é um personagem mal, ruim, que têm más intenções, o cabelo também apresenta essa associação, são iguais. Ainda, por mais que não esteja evidente esta ligação é o que analiso quando observo estas imagens, não há uma representação de forma a identificar a criança negra como referência positivada.

Em relação à importância da relação da literatura infantil e a representatividade negra, destaca-se que o primeiro contato das crianças com a literatura se dá em grande parte dos casos com a mediação e narração de um adulto, têm-se a necessidade de trabalhar de forma interdisciplinar estas leituras. Assim apresento a Figura 9 para contextualizar.

Figura 9: Recorte da página 204 e 205 do LD do 1º ano EFI utilizado pela Rede Municipal de Educação de Ponta Grossa (PR)



Fonte: Livro Vem Voar (Silvestre,2018)

A literatura infantil é uma forma para a criança se desenvolver de uma forma prazerosa dando asas à imaginação, aprendendo as emoções e sentimentos.

Por meio da literatura infantil, a criança descobre o mundo através da fantasia, lúdico, mágico e sonho, enriquecendo sua imaginação e despertando-lhe a liberdade de pensamento e a criatividade. Por meio dela, a criança estabelece uma relação de harmonia entre fantasia e realidade, facilitando a compreensão das coisas do mundo adulto e a resolução de conflitos internos. (RODRIGUES *et al* 2013 p.03)

Diversos materiais são utilizados em sala de aula que são apoios estimulantes para levantar questionamentos e discussões voltadas para temáticas raciais. Portanto o livro de literatura infantil é um importante instrumento de apoio inicial no processo de alfabetização, sendo assim é necessário o entendimento do professor quando planejar suas aulas voltadas a propostas de atividades que visem buscar discussões sobre o direito de igualdade, respeito às diferenças contribuindo para o conhecimento/reconhecimento identitário de seus alunos.

A contribuição para o (re)conhecimento racial do aluno é um trabalho que exige dedicação, pois é preciso aguçar a curiosidade e a atenção dos educandos, visto que as discussões devem ser realizadas de maneira positiva e coerente já que muitas vezes o racismo não está explícito nos textos ou expressos nas imagens.

O processo de construção de identidade começa desde cedo quando recebemos informações e as internalizamos, adaptando-se aos padrões que a sociedade em comum estabelece, como crenças, valores e ética, o negro diante de uma sociedade eurocêntrica se encontra várias vezes longe de um parâmetro que o capacita para se reconhecer como membro. Surgem então algumas questões se pensa no papel da escola no processo de construção da identidade da criança negra. Partindo das mudanças de concepções criadas a partir do eurocentrismo, é possível perceber na atualidade que muitas lutas pela sobrevivência resultaram em vitória, por isso os aspectos culturais de herança africanas são fáceis de encontrar no Brasil, em todos os lugares encontramos contribuições e atribuições africanas.

E foram dessas novas concepções que também resultou nas lutas para inclusão de uma educação da cultura afro no currículo e como obrigatoriedade os livros didáticos e de literatura, mas é importante entender que o uso do livro de literatura precisa ser visado de maneira crítica, a fim de permitir uma reflexão do autoconhecimento. A autoestima da criança negra dentro da instituição de ensino é interiorizada daquilo que a sociedade expõe, portanto, a construção da identidade dentro das escolas deve partir dessa exposição social trazendo para sala de aula através do protagonismo literário.

A partir dessas afirmações conclui-se a importância de construir a identidade do educando através da interação com o LD e da LI. Estes materiais auxiliam no processo de desenvolvimento, tendo em vista que fazem parte do cotidiano do aluno, sendo assim, apresentam formas de como a criança poderá entender sua identidade racial e como agir diante de ações de pertencimento.

É importante manter visível as diferenças/singularidades, pensando em uma educação de equidade, desenvolvendo métodos que todos possam se sentir confortáveis e aptos a propostas que lhe são apresentadas no meio educacional. Estas questões necessitam de estímulo e destaque para que a socialização ocorra constantemente sem que haja intervenções negativas, ações racistas e/ou preconceituosas reconhecendo principalmente dentro do material didáticos personagens que os façam entender o seu local em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao destacar breves considerações conclusivas, foi possível compreender a importância do LD no processo de compreensão e construção das questões étnico-raciais, assim como nos livros de literatura infantil também são uma grande forma de se aprofundar no LRC. No momento em que o aluno vê uma imagem ou escuta uma história, que representa sua cor ou até mesmo a sua história de vida (mesmo que não seja tão semelhante à realidade), a criança passa a se sentir representada, valorizada e acolhida.

No entanto, ainda há um grande vazio a ser preenchido em sala de aula quando falamos a respeito da cultura afro-brasileira, o que nos faz concluir que a construção de um LRC nos LD vai além dos saberes escolares. Trata-se do negro em sua totalidade, seu pertencimento étnico, as condições socioeconômicas, sua cultura no geral. O livro, nesta perspectiva, tem visibilidade como um agente central no processo de socialização e construção da identidade racial no ambiente escolar.

Como resultado, percebe-se que a estrutura educacional, em sua totalidade, não permite uma representatividade efetiva de pessoas negras no livro didático. Em grande parte dos livros a representação branca se sobressai, mesmo tendo muitas obras trazendo as lutas do povo negro, as conquistas e as formas como a cultura afro é vasta não encontramos muitas sugestões no LD de Língua Portuguesa “Vem Voar” que ressaltam o empoderamento negro.

O estudo dos materiais pelo olhar da autora do trabalho foi fundamental para a análise dos dados, sendo assim, conclui-se que, deve-se trabalhar em conjunto com a escola, a família e a comunidade para que a criança saiba como se apropriar da sua raça negra e que os brancos compreendam o lugar de fala destes que não tem os mesmos privilégios.

Compreender o conceito de racismo e de raça através do LRC, nos leva a refletir sobre nossas práticas diárias e como são impactantes em nossa sociedade, pois estes são emergidos nos mais variados contextos tanto culturais como de poder. Portanto o Letramento Racial Crítico, muito embora seja uma forma dos negros se representarem de forma positiva e natural ainda não é abordada no Livro Didático em questão. Isto mostra o quão necessário é analisar com um olhar letrado no racismo para observar o silenciamento dentro das sugestões e do livro como um todo.

Diante da possibilidade de aprofundar-se no tema visando que compreendemos aos poucos nosso lugar no mundo, o processo de descoberta racial para muitos é algo que em muitas famílias não é construído. Portanto, analisar como o LD pode ser um veículo mediador do

conhecimento faz-me buscar entendimento sobre a forma de realizar propostas enriquecedoras, a fim de situar cada educando na sua origem histórico cultural. O uso da linguagem nos LD reflete na vida cotidiana, sendo um fator responsável no desenvolvimento da comunicação/socialização e na construção de identidades.

A Lei 10.639/2003 está garantida, todavia ainda há muito o que se avançar. Ainda é preciso ampliar a valorização da cultura negra no Brasil e no mundo de forma expressiva desmistificando ações que o branco tem como algo normal. Construir a personalidade a consciência negra protestando contra a ordem eurocêntrica imposta ao negro.

O professor deve levar ao aluno discussões que não estão explícitas no cotidiano levando o educando a um pensamento crítico e reflexivo sobre suas práticas individuais e coletivas relacionando todo seu aprendizado já adquirido com o que vem sendo apresentado diariamente.

Uma das principais lacunas identificadas ao longo do LD foi a ausência de uma perspectiva interdisciplinar. Ao abordar o LRC, a interdisciplinaridade, para Ferreira (2015) busca a intersecção referente a várias disciplinas permitindo a criação de novos olhares. Ferreira (2015) cita que a teoria racial crítica ultrapassa a fronteira do racismo e raça contextualizando com estudos étnicos, sociológicos, históricos e psicológicos permitindo de forma interdisciplinar analisar as multifacetadas de como se manifesta o racismo. Na Figura 8 podemos notar que iconografia traz uma adulta (professora) mediando o contexto que é o medo podendo ser uma forma de trazer distintos assuntos, todos ouvem de forma clara qual é a individualidade (medo), esta é uma forma que podemos e devemos utilizar em sala de aula trazendo a realidade do educando. Portanto, avançar na perspectiva interdisciplinar se mostrou outra grande lacuna na produção do LD.

Ao me apropriar da abordagem qualitativa concordo que é necessário o professor compreender a forma como utilizar os materiais que estão disponíveis em sala de aula como os livros didáticos e de literatura infantil. A pesquisa-ação será utilizada para que haja além da identificação do problema uma possível solução, neste caso o antirracismo, para que dentro do ambiente escolar haja mais visibilidade para a cultura negra, propondo mais lutas contra o racismo.

A pesquisa não é conclusiva, é um recorte entre tantas outras possibilidades, trata-se de um auxílio para ampliar nossa visão sobre o Letramento Racial Crítico, muitas vezes não se sabe como agir em situações preconceituosas, mas é importante que o racismo não seja silenciado e que a luta contra qualquer preconceito tenha voz também. Diante disso o racismo e a questão racial não devem ser considerados apenas como expressões ou manifestações

identitárias, o racismo está na essência na reprodução da desigualdade social não devemos falar sobre racismo apenas no dia da Consciência Negra, mas sim diariamente, dando ênfase de que o povo brasileiro é constituído pela miscigenação e que por isso somos uma sociedade de vastas culturas, as quais devemos ter mais apreço.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP)**. Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Brasília, DF, p. 120-122, 18 dez. 2018.
- BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.
- DANTE, Luiz. Livro didático de matemática: uso ou abuso?. **Em aberto**, v. 16, n. 69, 1996.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros. In: **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências**, 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/024/MARIA_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 29 jan. 2023.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. Selo Negro, 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos; SALES Augusto dos Santos (Org.). **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC/SECAD. Coleção Educação para Todos, 2005.
- PEREIRA, Simone dos Santos; DO NASCIMENTO, Iracema Santos. Literatura infantil com personagens negras: narrativas descolonizadoras para novas construções identitárias e de mundo. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 27, n. 2, p. 481-496, 2020.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas Autobiográficas de Professoras/es de Línguas na Universidade: **Letramento Racial Crítico e Teoria Racial Crítica**. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015. p. 127-160.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Entrevista com Aparecida de Jesus Ferreira. **Revista TAX**. Curitiba, V. 14, n. 3, p. 1-15, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GANDIN, Luís Armando; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Para além de uma educação multicultural: teoria racial crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação docente (entrevista com a professora Gloria Ladson-Billings). **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 275-293, 2002.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1998.

KANTOVITZ, Geane. Os sentidos da História ensinada: interlocuções entre o prescrito e a apropriação. **Revista Latino-Americana de História**, vol. 4, nº. 13, p. 217-237, 2015.

LADSON-BILLINGS, Gloria; TATE, William F. Toward a critical race theory of education. **Teachers college record**, v. 97, n. 1, p. 47-68, 1995.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA; Michele. Diferentes, não desiguais: **A questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2017.

MILNER, H. R.; HOWARD, T. C. Counter-narrative as method: race, policy and research for teacher education. In: **Race Ethnicity and Education**, 16:4, p. 536-56, 2013.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. 6.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

PACHÊCO, Gláucia Caroline Silva. A temática afro-brasileira na literatura infanto-juvenil e as relações étnico-raciais. **Anais do VI CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/58823>>. Acesso em: 29, jan. /2023.

PEREIRA, Ariovaldo Lopes; DE LACERDA, Simeia Silva Pereira. Letramento racial crítico: uma narrativa autobiográfica. **Travessias**, v. 13, n. 3, p. 90-106, 2019.

PEREIRA, Simone dos S., SILVA, Maíra L. SIQUEIRA, Juliana S. **Literatura infantil e tomada de posição: tempos, espaços e identidades entre os lugares de passagem**. In: SILVA, Erika K. B. C (org). *Leitura, Literatura e Linguagens*. Campo Grande: Inovar, 2019. p. 128-144.

PIO, Elizaine Inácia; DE ARAÚJO, Eleno Marques. AS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 E A OBRIGATORIEDADE DA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. In: **Anais Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar (ISSN-2527-2500) & Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar**. 2019.

RANGEL, Egon. Livro didático de língua portuguesa: o retorno do recalcado. In: DIONÍSIO, Ângela; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de Português: Múltiplos olhares**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.13 – 20

RODRIGUES, Scheila Leal et al. Literatura infantil: origens e tendências. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MERCOSUL**, v. 15, p. 1-9, 2013.

SILVESTRE, Ribeiro Alice. Vem voar: **Língua Portuguesa Ensino Fundamental** anos iniciais. ed. 2. São Paulo: Scipione, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

SOUTA, Marivete; DA SILVA JOVINO, Ione. Letramento racial e educação antirracista nas aulas de Língua Portuguesa. **UniLetras**, v. 41, n. 2, p. 147-166, 2019.

VIEIRA, Bárbara Danielle Morais. Letramento racial. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, p. 53-64, 2022.